



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
Centro de Ciências Humanas e Sociais – CCH
Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia – PPGBMestrado
Profissional em Biblioteconomia – MPB

RAQUEL BELÉM DE ANDRADE

MEMÓRIA FLUMINENSE:
redescobertas e experiências do Programa Centros de Memória do IFFluminense

Rio de Janeiro

2024



RAQUEL BELÉM DE ANDRADE

MEMÓRIA FLUMINENSE: redescobertas e experiências do Programa Centros de
Memória do IFFluminense

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Biblioteconomia (PPGB) no Curso de Mestrado Profissional em Biblioteconomia (MPB), da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Biblioteconomia.

Linha: Biblioteconomia, cultura e sociedade

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Kelly Castelo Branco
da Silva Melo

Rio de Janeiro

2024

Catálogo informatizado pelo(a) autor(a)

A553m Andrade, Raquel Belém de
MEMÓRIA FLUMINENSE: descobertas e experiências do
Programa Centros de Memória do IFFluminense / Raquel Belém
de Andrade. -- Rio de Janeiro, 2024.
76 f.

Orientadora: Kelly Castelo Branco da Silva Melo.
Dissertação (Mestrado)—Universidade Federal do Estado
do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em
Biblioteconomia, 2024.

1. MEMÓRIA INSTITUCIONAL. 2. CENTROS DE MEMÓRIA. 3.
BIBLIOTECONOMIA. I. Melo, Kelly Castelo Branco da Silva, orient.
II. Título.

RAQUEL BELÉM DE ANDRADE

MEMÓRIA FLUMINENSE: redescobertas e experiências do Programa Centros de Memória do IFFluminense

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Biblioteconomia (PPGB) no Curso de Mestrado Profissional em Biblioteconomia (MPB), da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Biblioteconomia.

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dra. Kelly Castelo Branco da Silva Melo (Orientadora)
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Prof^ª. Dra. Simone Borges Paiva Okuzono (titular interno)
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Prof. Dr. Marcos Paulo de Passos (titular externo)
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Prof. Dr. Claudio Jose Silva Ribeiro (suplente interno)
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Prof^ª. Dra. Angélica Conceição Dias Miranda (suplente externo)
Universidade Federal do Rio Grande (UFRG)

AGRADECIMENTOS

A Deus, por colocar pessoas na minha vida que contribuíram direta ou indiretamente para que esta pesquisa fosse realizada;

À minha orientadora Dra Kelly Castelo Branco da Silva Melo, por ter orientado este trabalho através de suas contribuições tão necessárias;

À minha filha, Ana Paula, e minha mãe, Alice Belém, pelo carinho, compreensão e incentivo durante a realização deste trabalho;

Aos professores e professoras da UniRio pelo aprendizado;

Aos colegas e alunos do PPGB-UniRio pelo incentivo e contribuições durante o curso;

Aos colegas bibliotecários do IFFluminense pelo material bibliográfico sugerido e apoio durante o processo de desenvolvimento desta pesquisa.

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo geral analisar como as bibliotecas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense contribuem para a preservação e divulgação da memória institucional por meio do Programa Centros de Memória. Sendo assim, possui os seguintes objetivos específicos: a) Estabelecer relações entre três categorias: memória, práticas biblioteconômicas e instituição; b) Compreender o papel das bibliotecas na preservação da memória e de que forma isso contribuiu para a Agenda 2030; c) Refletir sobre as origens, definições e funções de centros de memória; d) Apresentar a história, visão e missão do IFFluminense ; e) Observar se o Programa Centros de Memória tem trabalhado em parceria com as bibliotecas e discutir a importância desse trabalho para a comunidade e preservação dos registros de memória. Para tanto, trata-se de investigação que objetiva ser descritiva e exploratória. Quanto à abordagem, a pesquisa é qualitativa. Quanto a maneira como os dados foram coletados, adotou-se a pesquisa bibliográfica. Logo, a partir da análise dos dados, observou-se que a prática biblioteconômica é fundamental para que o Programa Centros de Memória realize a preservação dos registros da memória institucional por meio dos projetos de memória dos campi. Percebeu-se a necessidade de padronizar o tratamento dos acervos dos projetos com a colaboração de bibliotecários. Notou-se que sem o trabalho profissional do bibliotecário os registros de memória não são devidamente selecionados, condicionados e disponibilizados.

Palavras-chave: Memória Institucional. Centros de Memória. Biblioteconomia. Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia (IFFluminense). Atuação Profissional-Bibliotecário.

ABSTRACT

The general objective of this research is to analyze how the libraries of the Federal Institute of Education, Science and Technology Fluminense contribute to the preservation and dissemination of institutional memory through the Memory Centers Program. Therefore, it has the following specific objectives: a) Establish relationships between three categories: memory, library practices and institution; b) Understand the role of libraries in preserving memory and how this contributed to the 2030 schedule ; c) Reflect on the origins, definitions and functions of memory centers; d) Present the history, vision and mission of IFFluminense; e) Observe whether the Memory Centers Program has worked in partnership with libraries and discuss the importance of this work for the community and preservation of memory records. Therefore, this is an investigation that aims to be descriptive and exploratory. As for the approach, the research is qualitative. As for the way the data was collected, bibliographic research was adopted. Therefore, from data analysis, it was observed that library practice is fundamental for the Memory Centers Program to preserve institutional memory records through campus memory projects. The need to standardize the treatment of project collections with the collaboration of librarians was realized. It was noted that without the professional work of the librarian, memory records are not properly selected, conditioned and made available.

Keywords: Institutional Memory. Memory Centers. Librarianship. Federal Institute of Science and Technology Education (IFFluminense). Professional Activity-Librarian.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Relação entre memória individual e memória coletiva inspirada em Olick.....	18
Figura 2: Agenda 2030 e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).....	22
Figura 3: Nilo Peçanha, o primeiro negro presidente do Brasil (1867-1924).....	29
Figura 4: A trajetória de Nilo Peçanha.....	30
Figura 5: Escola de Aprendizes Artífices criada em 1909.....	32
Figura 6: Recorte do jornal “O debate”	48
Figura 7: Página do jornal “O debate” informando sobre a inauguração da Escola Técnica Federal.....	49
Figura 8: Blog do Centro de Memória de Macaé.....	51
Figura 9: Página do Projeto Centro de Memória do <i>campus</i> Campos Guarus.....	54
Figura 10: Parte do Acervo do compositor José Carlos Ligiero em sua residência em Itaperuna (RJ).....	55
Figura 11: Página de um caderno de música encontrado no Acervo de José Carlos Ligiero.....	55
Figura 12: Exposição do Projeto memória dos aprendizes Artífices.....	57
Figura 13: Mostruário com imagens do instituto.....	59
Figura 14: Logo marca do Projeto Centro de Memória do Campus Centro.....	60

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: alteração das nomenclaturas do atual IFFluminense.....	33
Quadro 2: Ordem anual de implantação dos campi.....	34
Quadro 3: Os campi e ano de seleção dos projetos avaliados e submetidos.....	40
Quadro 4: Relação dos vídeos e resumo do conteúdo existentes na página do IFFluminense no software livre ICA-AtoM.....	42
Quadro 5: Projetos selecionados em 2018.....	43
Quadro 6: Projetos selecionados em 2019.....	44
Quadro 7: Projetos selecionados em 2020.....	44
Quadro 8: Projetos selecionados em 2021.....	45
Quadro 9: Projetos selecionados em fevereiro de 2022.....	45
Quadro 10: Projetos selecionados em 2022.....	46
Quadro 11: Relação dos campi que criaram algum tipo de rede social para divulgação dos trabalhos.....	46
Quadro 12: Informações coletadas até o dia 24 de fevereiro de 2024.....	50
Quadro 13: Vídeos do Projeto Centro de Memória de Macaé no YouTube.....	52
Quadro 14: Relação de álbuns e quantidade de imagens existentes em cada um.....	56

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Centros de memória.....	39
---------------------------------	----

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	PRÁTICA BIBLIOTECÔNOMICA, MEMÓRIA E INSTITUIÇÃO.....	16
2.1	Práticas biblioteconômicas e fluxos de memória.....	20
2.2	Contribuições da preservação da memória para a agenda 2030.....	21
2.3	Biblioteca como (potencial) promotora da construção de identidade, senso de pertencimento e memória institucional.....	25
3	O PROGRAMA CENTROS DE MEMÓRIA DO IFFLUMINENSE.....	29
3.1	Instituto Federal Fluminense: história, missão e visão.....	29
3.1.2	Informação e memória: origem, definições e funções dos Centros de Memória.....	35
3.2	Redescobertas e experiências do programa centros de memória do IFFluminense.....	38
3.3	contribuições da biblioteca para o Programa Centro de Memórias.....	61
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63
5	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	65

1 INTRODUÇÃO

No decorrer do tempo, a humanidade aperfeiçoou o modo como faz seus registros, em resposta às demandas sociais. Assim surgiram as diferentes formas de escrita, uma invenção que buscava, a princípio, melhor controle das trocas comerciais (Barbier, 2008) e que se expandiu em sua função e utilização, acompanhada pelas transformações dos suportes informacionais, que foram evoluindo com o tempo: tábuas de argila, papiros, pergaminhos, papel, fotografias, vídeos e tantos outros. Em meio a todo esse processo de criação e aprimoramento dos suportes informacionais e das formas de registro dessa informação, as bibliotecas surgem com a missão de salvaguardar os diferentes conhecimentos registrados, uma vez que a humanidade também via a necessidade de preservá-los (Gomes, 2014).

Hoje os registros de informação e de memória podem ser encontrados em abundância e em diferentes espaços. Sua guarda, tradicionalmente consagrada aos museus, bibliotecas e arquivos, também encontra novas moradas, como os Centros de Memória. Inicialmente criados devido à necessidade de algumas instituições de responder à demanda por informação especializada relativa à sua trajetória (Centros..., 2013), os centros de memória são espaços institucionais que possuem, sim, algumas das características dos lugares de guarda tradicionais, mas que possibilitam novas funcionalidades (Camargo; Goulart, 2015).

Sua trajetória, no Brasil, tem início na década de 1980 (Camargo; Goulart, 2015). Primeiramente chamados de “centros culturais”, depois de “casas de cultura” e, posteriormente, de “centros de memória”, apresentam um grande potencial na oferta de lazer, acesso à informação e preservação da memória (Dodebei, 2011). Observa-se, em relação às suas características, que “um Centro Cultural deve possibilitar o acesso dos cidadãos aos bens culturais e a informação de forma mais ampla possível” (Gastaldo, 2010, p. 20). E no que diz respeito as casas de cultura, Silveira afirma que “tinham o objetivo de reunir, num mesmo local, diversas formas de representação artística: literatura, teatro, dança, música e artes plásticas” (Silveira, 2010, p. 1).

No caso do acervo de um centro de memória, pode ser composto por materiais diversos que “naturalmente” poderiam ser encontrados seja em museus, arquivos e/ou bibliotecas. Esse caráter heterogêneo possibilita o trabalho conjunto de profissionais de diferentes áreas (Camargo; Goulart, 2015). Assim a diversidade pode ser um atrativo para pessoas que buscam suportes de informações diversificados para suas pesquisas.

No caso do centro de memória de uma instituição, podemos dizer que é um lugar onde se reúne, organiza, conserva e produz conteúdo para disseminar os valores institucionais, por

meio de informação sobre a trajetória institucional. Assim, nele são preservados documentos para fins de pesquisa interna e externa (Centros..., 2013).

O acervo de um centro de memória pode ser composto por registros físicos (material impresso como livros, atas, fotografias etc.) e/ou digitais (e-book, material digitalizado etc.). Desta forma, a memória de uma instituição não está apenas nas pessoas, em suas mentes à medida que vão recordando os fatos, mas também nos documentos que são preservados devido a sua importância (Fontanelli, 2005). Informações registradas em diferentes suportes como fotografias, lista com nomes de ex-funcionários e registros de depoimento oral, por exemplo, podem ativar lembranças de um tempo e contexto que necessita ser memorado devido sua importância para a instituição. Diante disso, palestras, reuniões, entrevistas, ou qualquer outra ação relevante e registrada em algum suporte, previamente selecionado, pode fazer parte do acervo, de acordo com uma política de coleções a ser adotada. Isso não estaria em conformidade com alguma política de coleções?

Para refletir sobre a temática dos centros de memória e sua relevância para o campo da biblioteconomia, assim como analisar de que maneira as práticas biblioteconômicas contribuem com esse equipamento cultural, o presente trabalho toma como objeto de estudo o Programa Centros de Memória do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense (IFFluminense). Ao mesmo tempo que apresenta a história, visão e missão do Instituto.

O programa, que surgiu em 2012 e que é implementado por meio de projetos selecionados anualmente, adota práticas que abrangem tanto atividades culturais como de guarda de materiais que tratam da memória e história da instituição, tendo, em um caso específico, a contribuição do bibliotecário Henrique Barreiros Alves, coordenador (selecionado por edital) do projeto Centro de Memórias de Macaé e que também é responsável pela biblioteca do mesmo campus.

A presente pesquisa tem como objetivo analisar o Programa Centro de Memória do IFFluminense e como as práticas biblioteconômicas colaboram com ele. Sabendo que há uma biblioteca do instituto que também é espaço de memória e que colabora para que os objetivos do Programa Centros de Memória sejam alcançados, apontamos os seguintes questionamentos: qual a importância da (preservação da) memória do IFFluminense para a formação dos alunos e da identidade da comunidade acadêmica? Como o Programa Centros de Memória tem trabalhado em parceria com a biblioteca? Essa parceria contribui, de fato, com o programa? De que maneira?

Estas perguntas serão respondidas no decorrer do trabalho, apresentando assim as principais características do Programa e sua contribuição para a instituição.

A presente pesquisa tem como categorias principais: memória, práticas biblioteconômicas e instituição. No caso da primeira, a considera como uma construção social (Halbwachs, 1950). No caso da segunda, analisa as práticas biblioteconômicas em seu potencial de contribuição para a construção e salvaguarda da memória. No caso da terceira, destaca suas principais características e definições em uma perspectiva mnemônica, e, tratando especificamente do IFFluminense, analisa como seus centros de memória colaboram para a construção de identidade e fomento do senso de pertencimento, atuando assim como espaços que promovem o amplo acesso aos registros da memória institucional/ coletiva.

A pesquisa destaca o perfil do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense, sua história e importância para a comunidade. A autora colaborou com a Instituição, no período de 2017 a 2019; e 2021 a 2022, como bibliotecária no projeto Centro de Memória do campus Guarus, e durante seis meses, em 2022, como coordenadora do projeto Centro de Memória do campus Itaboraí.

A análise das contribuições das bibliotecas do IFFluminense para a preservação da memória institucional por meio do Programa Centros de Memória é relevante para a instituição, uma vez que tais ações ainda não foram avaliadas e que, portanto, necessitam de maior atenção e estudo.

A pesquisa também contribui para os estudos biblioteconômicos no que diz respeito às práticas voltadas para centros de memórias e no que tange a reflexão do papel da biblioteca não só como um agente de guarda da memória, mas também construtor dela. Ao mesmo tempo que busca compreender como a preservação da memória contribui para a Agenda 2030 da ONU (Organização das Nações Unidas), disponibilizando e disseminando informações para a sociedade.

Ela objetiva ser descritiva e exploratória (Gil, 2012) e adota uma abordagem qualitativa.

O levantamento bibliográfico inicial foi realizado, no período de 2020 a 2021, nas bases BRAPCI, CAPES, BDTD e Scielo e utilizou como termos de busca “memória institucional”, “centros de memória” e “bibliotecas e centros de memórias”, considerando a temática abordada na pesquisa. Pesquisa semelhante também foi realizada nos Anais de congressos tanto na área da memória – como o CONINTER – quanto na área de Biblioteconomia – como o ENANCIB.

No site do IFFluminense, foram feitos levantamentos de informações referentes à formação e objetivo do Programa Centros de Memória do IFFluminense, bem como à relação de projetos homologados nos processos de seleção dos editais de extensão, cultura e diversidade, que constam no portal de seleções do IFFluminense¹.

O site do IFFluminense também foi estudado em busca de informações sobre o instituto a partir de seus documentos oficiais (editais, programas, etc) para assim entender o seu perfil institucional. Cabe destacar que, nesta fase, a contribuição de alguns servidores, envolvidos diretamente com as ações do Programa, foi imprescindível para a obtenção e análise de algumas informações.

Para obter maior conhecimento sobre o instituto, foram consultados documentos institucionais de acesso público, disponíveis no portal da instituição.

Também buscou-se compreender, a partir da análise dos editais de seleção de projetos do Programa Centros de Memória o entendimento da instituição sobre o termo “Centros de Memória”, assim como a dinâmica entre os campi e seus respectivos projetos selecionados.

As redes sociais dos projetos também foram analisadas, conforme consta na terceira seção do presente trabalho.

Em termos teóricos, para melhor compreensão da articulação das práticas biblioteconômicas com a construção e preservação da memória, foram utilizados os trabalhos de Marc Baratin (2008) e Vera Dodebei (2011). Em relação às reflexões sobre memória social, foram utilizados autores clássicos como Maurice Halbwachs (2006) e Michael Pollak (1992), Jacques Le Goff (2013), Pierre Nora (1993), Icleia Thiesen (2013) e Aleida Assmann (2011).

Por fim, foram utilizados documentos institucionais, livros, artigos e dissertações que tratam sobre a estrutura, história e função do IFFluminense e do Programa Centros de memória.

¹<https://selecoes.iff.edu.br/>

2 PRÁTICA BIBLIOTECONÔMICA, MEMÓRIA E INSTITUIÇÃO

A Biblioteconomia tem fundamental importância para a preservação e organização do conhecimento.

O significado etimológico da palavra Biblioteconomia é composto por três elementos gregos: *biblion* (livro); *théke* (caixa); *nomos* (regra) aos quais se adicionou o sufixo *ia*. Etimologicamente, portanto, biblioteconomia é o conjunto de regras de acordo com as quais os livros são organizados em espaços apropriados: estantes, salas, edifícios (Fonseca, 2007, p. 1).

Sua prática consiste no uso de regras que contribuem fundamentalmente para a conservação e recuperação dos registros desse conhecimento.

Antes do livro manuscrito não havia, de fato, outra forma em que se pudesse conservar e acumular o saber pretérito - do passado de si mesmo ou de outrem-, a não ser a memória [...] a invenção da escrita, porém, ao criar o livro libertou da memória o saber e acabou com a autoridade dos anciãos. O livro ao objetar a memória, materializando-a, torna-a, em princípio ilimitada e coloca os dizeres dos séculos à disposição de todo o mundo (Ortega y Gasset, 2006, p. 53).

Outrossim, a prática biblioteconômica abarca ações para preservação da memória, sendo por isso a biblioteca denominada ao longo das últimas décadas como “lugar de memória” ou “instituição de memória” (Museu..., 2009). Desta forma, pode-se dizer também que biblioteca é:

Lugar da memória nacional, espaço da conservação do patrimônio intelectual, literário e artístico, uma biblioteca é também o teatro de uma alquimia complexa em que, sob o efeito da leitura, da escrita e de sua interação, se liberam as forças, os movimentos do pensamento. É um lugar de diálogo com o passado, de criação e inovação, e a conservação só tem sentido como fermento dos saberes e motor do conhecimento, a serviço da coletividade inteira (Jacob, 2000, p. 9).

Sendo assim, o estudo da relação entre a prática biblioteconômica e a memória coletiva é de suma importância, visto que as bibliotecas são espaços que possibilitam a preservação e construção da memória. Inclusive, Silveira (2007) destaca que as bibliotecas – que têm a missão de preservar, organizar e disseminar o conhecimento – são lugares de valorização da cultura e da memória coletiva (Silveira, 2007).

Baratin e Jacob (2008) destacam a importância da guarda do conhecimento e preservação da memória, através do tempo, na obra “O poder das bibliotecas: a memória dos livros no ocidente”. Enfatizam como bibliotecas, que muitas vezes foram consideradas apenas depósitos de livros, contém registros de memórias disponíveis para consulta.

Segundo eles, “as grandes bibliotecas neste fim do século XX são obcecadas por sua história e se interrogam acerca de sua missão e de sua identidade: que memória, que saberes, e para que sociedade? ” (Baratin; Jacob, 2008, p. 11). Tal fato pode ser observado em alguns

exemplos apresentados pelos autores, como o da Biblioteca Nacional da França (BNF), considerada “lugar de memória nacional, espaço de conservação do patrimônio intelectual, literário e artístico” (Baratin; Jacob, 2008, p. 9), que perpetua sua missão patrimonial e constitui a memória nacional do país.

Como lugares de guarda de memória, as bibliotecas tanto abrigam quanto são o legado de gerações passadas. Elas também formam espaços dialéticos em busca de troca de conhecimentos, onde o pensamento se movimenta, fazendo surgir o diálogo com o passado a serviço da coletividade. Baratin e Jacob mostram que o poder das bibliotecas vai além do mundo das palavras e dos conceitos. Afinal, “captar, conservar, preservar e compartilhar o conhecimento do mundo e de nós mesmos são alguns dos poderes (e perigos) que as bibliotecas nos oferecem” (Silveira, 2010, p. 69). Entretanto, o papel das bibliotecas como guardiãs de memória coletiva só foi possível porque o homem desenvolveu diferentes formas de registrar seu cotidiano. O historiador francês Jacques Le Goff (1924-2014), em sua obra “História e Memória”, destaca que, por meio da escrita, a linguagem falada é armazenada, permitindo com isso a guarda da nossa memória fora dos limites físicos do nosso corpo (Le Goff, 2013).

O sociólogo e filósofo francês Maurice Halbwachs em seu livro “Memória coletiva”, publicado pela primeira vez em 1950, apresenta a memória como fenômeno coletivo, social. Ele explica que a memória é construída nas relações, nos contextos sociais onde o homem está inserido. Logo, as lembranças são construídas no convívio social, em comunidade. E mesmo que as experiências tenham sido vivenciadas por uma única pessoa, a memória é coletiva na medida em que se sustenta e pode ser lembrada por outras pessoas. Desta forma, apesar de aparentemente estarmos sós, nunca estamos sozinhos, nossas reflexões, atos e lembranças são socialmente influenciados, construídos na relação com o outro (Halbwachs, 2013). Mesmo não tendo a presença física do grupo, agimos e pensamos de acordo com as experiências e conhecimentos compartilhados ao longo de nossa trajetória. Nossos atos e formas pensamento refletem o que aprendemos na convivência com as pessoas do grupo. Schmidt e Mahfoud (1993) chamam este grupo de “grupo de referência”.

O grupo de referência é um grupo do qual o indivíduo já fez parte e com o qual estabeleceu uma comunidade de pensamentos, identificou-se e confundiu seu passado. O grupo está presente para o indivíduo não necessariamente, ou mesmo fundamentalmente, pela presença física, mas pela possibilidade que o indivíduo tem de retomar os modos de pensamento e a experiência comum próprios do grupo. A vitalidade das relações sociais do grupo dá vitalidade às imagens, que constituem a lembrança. Portanto, a lembrança é sempre fruto de um processo coletivo e está sempre inserida num contexto social preciso (Schmidt; Mahfoud, 1993, p. 288).

Essa dinâmica interrelacional entre o individual e o coletivo no processo constituinte da memória pode ser observada no esquema abaixo, elaborado por Hodge e Costa (2020) com base na leitura de Olick (2008). Ele sistematiza a relação memória coletiva–memória individual e aponta fatores externos que influenciam diretamente sua construção.

Figura 1: Relação entre memória individual e memória coletiva inspirada em Olick



Fonte: Hodge e Costa (2020, p. 313)

No esquema, observa-se que a memória coletiva é composta por uma memória estrutural que abarca representações coletivas (símbolos, significados, narrativas e rituais publicamente disponíveis), estruturas culturais profundas (sistemas de regras ou padrões que produzem representações), quadros sociais (grupos e padrões de relações sociais) e memória individual (culturalmente e socialmente enquadrada), cujos mediadores podem ser o Estado, a religião, a mídia, as organizações e/ou a família.

Inclusive, refletindo um pouco mais sobre memória coletiva, destacamos as contribuições do sociólogo e historiador Michael Pollak (1948-1992) apresentadas em conferência, e posteriormente publicadas na revista *Estudos Históricos*, em 1992. O pesquisador construiu seus argumentos a partir da análise de histórias orais. Relatos que o ajudaram a compreender a dinâmica de construção da memória e identidade social. Ele,

inclusive, destaca a análise feita por Maurice Halbwachs para um melhor entendimento da memória coletiva, afirmando que:

A priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes (Pollak, 1992, p. 201).

Pollak afirma que há elementos específicos que constituem a memória individual ou coletiva. Elementos que podem ser variantes ou invariantes (irredutíveis) de acordo com o trabalho de construção da memória, visto que é um fenômeno sujeito a mudanças constantes.

Destaca que há acontecimentos vividos pessoalmente (individualmente) e acontecimentos vividos pelo grupo do qual a pessoa faz parte. Que existem acontecimentos que nem sempre a pessoa participou, mas que, no imaginário, não ter participado parece ser algo impossível e, desta forma, vai-se construindo uma identificação com determinado passado (Pollak, 1992). Como elementos constitutivos da memória, além dos acontecimentos, estão as personagens e os lugares – lugares também como as bibliotecas, que “secreta[m], veste[m], estabelece[m], constr[oem], decreta[m], e mantém pelo artifício e pela vontade uma coletividade fundamentalmente envolvida em sua transformação e sua renovação” (Nora, 1993, p.13).

Este entendimento da construção de uma memória coletiva é visto também no desenvolvimento da memória institucional, que se dá a partir de seus membros, suas ações e seus registros.

Assim, preservar a memória institucional não significa apenas reter e reunir materiais com informações a respeito da instituição, mas deve exercer sua função de ser objeto de divulgação e reflexão (Souza; Morigi, 2020), considerando o lugar, as pessoas e acontecimentos. Afinal, a memória institucional consiste em experiências vividas ainda possíveis de serem acessadas por terem sido registradas.

quando a memória humana já não suporta mais guardar a grande quantidade de informações, excedendo sua capacidade, é necessário o uso da memória artificial, que são os suportes e os dispositivos informacionais que nos facilitam a ação de recordar (Souza; Morigi, 2020, p. 230).

Uma memória que, segundo Costa (1997), é não somente produzida e divulgada para as pessoas que formam a instituição, como também para a sociedade. Uma memória conjunta entre os indivíduos e instituição (Souza; Morigi, 2020), mediada pela própria organização, conforme o esquema anteriormente citado (Olick, 2008).

Experiências produtoras de informações que perpetuam a memória da instituição para futuras gerações, ao mesmo tempo que colaboram para a realização de pesquisas (Lima, 2014). Experiências mediadas por uma organização, abrangendo representações coletivas, estruturas culturais profundas, quadros sociais e memórias individuais.

2.1 Práticas biblioteconômicas e fluxos de memória

Ao longo do tempo as bibliotecas têm aperfeiçoado suas práticas a fim de preservar e organizar seus acervos. Além disso, aliado ao acesso à informação, está o resgate e preservação da memória “buscando tornar possível aquilo que as memórias não conseguem: reter a totalidade das experiências humanas” (Rodrigues, 2016, p. 74).

Bibliotecas são assim espaços de memória coletiva da humanidade. Afinal

Enquanto “lugares de memória”, as bibliotecas tendem a reafirmar os saberes e a torná-los móveis, traduzíveis, permutáveis. São instituições que nos permitem, por intermédio de seus acervos, acessar as experiências comuns a toda humanidade, bem como as razões e os intentos de cada um de seus usuários em particular (Silveira, 2010, p. 79).

A biblioteca, com sua importância social serve à sua comunidade a partir da disponibilização da informação. Um lugar de diálogo e exercício da cidadania que tem por premissa perpetuar conhecimentos.

Assim, a biblioteca tornou-se a guardiã de diferentes materiais, tornando acessível seu conteúdo a partir das práticas biblioteconômicas. Assim, se hoje temos acesso a materiais que evocam a memória de um povo, ou grupo social, é porque não foram perdidos, abandonados e esquecidos com o passar do tempo.

No entanto, foi necessário criar e aperfeiçoar as práticas e processos biblioteconômicos, desde a seleção e aquisição do acervo até as formas desenvolvidas para tornar os recursos bibliográficos, ou objetos representativos da memória, mais acessíveis e úteis aos usuários.

Práticas que consideraram relevantes registros que fornecem conhecimento do passado/presente. Suportes de memória escolhidos por especialistas, tais como: historiadores, arquivistas e bibliotecários, devido as suas especificidades (documentos, cartas, fotografias, etc) relacionadas a cada área de conhecimento.

Além desse importante papel na organização desses conteúdos informacionais, deixados através dos mais diferentes suportes pela sociedade, vale ressaltar que organizar e tornar acessível, é também fazer fluir essa memória, torná-la, através de seus objetos, uma força viva e presente, e não imortalizá-la como um bem tombado ou custodial (Silva, 2012, p. 74).

Esse ato de preservar a memória por meio de diferentes suportes, torna possível refletir sobre a contribuição das bibliotecas para sociedade, a partir da agenda 2030. Afinal, “a biblioteca assim como o arquivo desempenham papéis primordiais no que se refere à democratização do acesso à informação, de forma a contribuir na formação de uma sociedade mais justa e igualitária” (Vilhena, 2019, p. 84).

Preservar e difundir as informações contidas nos registros de memória são maneiras viáveis para contribuir com os ODS (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável) da agenda, conforme será apresentado na próxima seção, na qual será destacado o acesso à informação como ação importante para o desenvolvimento sustentável.

2.2 Contribuições da preservação da memória para a agenda 2030

Visto que estamos tratando até o momento sobre as ações da biblioteca na preservação da memória, buscamos agora compreender como esse papel pode se articular com as propostas da Agenda 2030.

A saber, a Organização das Nações Unidas (ONU) fundada em 1945 por 51 estados membros em prol da cooperação internacional (Nishikawa, 2008) lançou em setembro de 2015 um grande desafio intitulado “Transformar nosso mundo: a Agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável”. Essa iniciativa levou os atuais 193 estados membros das Nações Unidas a adotar a agenda 2030, que possui 17 objetivos a serem cumpridos por meio de suas diferentes instituições. Tais objetivos visam o desenvolvimento sustentável, a transformação do mundo por meio do desenvolvimento econômico, ambiental e social (International..., 2016), conforme apresenta, de maneira resumida, a figura a seguir que aponta para os 17 objetivos.

Figura 2: Agenda 2030 e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)



Fonte: (<https://www.researchgate.net>)

Diante deste grande desafio, a *International Federation of Library Associations* (IFLA), que é a representante internacional dos interesses das bibliotecas e serviços de informação, destacou a importância das bibliotecas para o alcance desses objetivos. A IFLA entende que o acesso público à informação é de suma importância para que as pessoas tomem decisões que colaborem para a melhoria de suas vidas, atingindo assim os objetivos propostos pela agenda 2030. Desta forma, buscando o alcance desses objetivos, a IFLA propôs a assinatura da ‘Declaração de Santiago’ que é uma declaração do compromisso das bibliotecas em prol da Agenda 2030 na América Latina e no Caribe (International ..., 2016).

Sobre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e sua relação com as bibliotecas, podemos dizer que agenda possui 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e 169 metas que devem ser alcançadas por meio das atividades realizadas pelas bibliotecas, de acordo com o perfil de cada uma. Sendo assim,

Como aposta no potencial de desenvolvimento sustentável, por meio das ações e engajamento das bibliotecas brasileiras, em 2017, a comunidade bibliotecária nacional lançou a discussão da temática como tema central do Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (CBBDD), convidando os profissionais da área a refletir sobre os ODS das Nações

Unidas e como as bibliotecas podem contribuir com a implementação da Agenda 2030 (CBBB, 2017 apud Sala et. al., 2020, p. 328).

As bibliotecas, ao contribuírem com o cumprimento da agenda 2030, ampliam suas esferas de atuação, ao mesmo tempo que desconstróem a ideia de que são espaços limitados à guarda de livros. Assim, ao desenvolver ações de democratização da informação, também como estratégia de preservação da memória, possibilitam o acesso, ao mesmo tempo que colaboram para o desenvolvimento sustentável.

Dessa maneira, as dimensões da sustentabilidade ambiental, social e econômico que possibilitam o desenvolvimento sustentável podem ser trabalhados no âmbito das bibliotecas ao se planejar atividades como oficinas, debates, cursos, apresentação de vídeos e demais ações que as bibliotecas oferecem regularmente, almejando a promoção cultural e social dos indivíduos (Sala, 2020, p. 329).

Cabe destacar que a agenda 2030 ainda é desconhecida por muitos bibliotecários, necessitando de maior divulgação, busca de colaboradores para o alcance dos seus objetivos e enfrentamento dos percalços e resistências que são comuns a qualquer mudança.

Diversas ações podem ser realizadas nas bibliotecas – e em instituições correlatas, como os centros de memória (outra categoria institucional relevante para este trabalho) – a fim de preservar a memória que ao mesmo tempo contribuem para a promoção dos ODS. Tendo em vista a proximidade com as atividades tradicionalmente realizadas no âmbito das bibliotecas e comumente a elas associadas, destaca-se aqui o ODS 4 (educação de qualidade), ODS 4.7 (promoção da cultura e valorização da sua diversidade) e o ODS16.10 (assegurar o acesso público à informação). E, no que tange os centros de memória:

um centro aproxima-se também da educação pelo processo de produção e de gestão do modo como estabelece suas relações entre passado, presente e futuro, reconhecendo num primeiro momento o direito à difusão de instrumentos de informação e pesquisa como um enriquecimento educativo e social (Neves, 2005, p. 163).

Cada um desses ODS apresenta propostas que podem ser adotadas/adaptadas em uma instituição de educação e também em uma biblioteca e/ou centro de memória.

O ODS 4, por exemplo, aponta para a necessidade de “assegurar a educação inclusiva e equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos” (International..., 2016).

Cabe destacar que a inclusão a partir de uma educação democrática foi um dos temas abordados pelo bibliotecário Ranganathan na sua obra “As cinco leis de Ranganathan” (Ranganathan, 2009). Em seu livro o autor dá ênfase à importância do acesso ao conhecimento por todas as pessoas. Isto é visto na Segunda lei, quando o autor afirma que:

A Segunda dilata o conceito os LIVROS SÃO PARA OS POUCOS ELEITOS. Se o grito revolucionário da Primeira era OS LIVROS SÃO PARA USAR, o da Segunda é os LIVROS SÃO PARA TODOS. Se a abordagem da Primeira se fazia pelo lado dos livros, a da Segunda se faz pelo lado dos usuários de livros (Ranganathan, 2009, p. 50, grifo do autor).

Sendo assim, um contexto inclusivo oferece educação e informação de forma acessível a todos e colabora para que diferentes grupos tenham suas características reconhecidas e valorizadas, fomentando a solidariedade, senso de pertencimento e colaboração entre as pessoas, respondendo sobre a mudança e agindo sobre ela (Camargo, 2015, p. 1).

A inclusão da diversidade apontada no ODS 4.7, e permanência de diferentes sujeitos, com suas diferentes identidades, no mesmo espaço compartilhando experiências, lembranças e saberes, colabora para o senso de pertencimento, na medida em que cada pessoa encontra espaço no grupo, ao interagir com ele e, interagindo, se considera parte dele. Logo, uma biblioteca ou um centro de memória, pode fomentar o senso de pertencimento não só por meio de ações integrativas e educacionais como também ao fazer presente essa diversidade nos registros de memória. Legitimar esse lugar de pertencimento, não só afeta as pessoas de maneira individual (ou coletiva), mas também cria elos entre elas. Isto porque são os acontecimentos e interpretações do passado que ajudam a reforçar o sentimento de pertencimento e compartilhamento de lembranças nos diferentes grupos (Pollak, 1989, p. 9). Aliado a isso, está o reconhecimento e valorização das recordações compartilhadas que contribuem para uma ligação estreita entre memória e sentimento de identidade, afinal, a identidade é a “imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros” (Pollak, 1992, p. 204).

Até mesmo a valorização da diversidade cultural, proposta pelo ODS 4.7, só é possível com o incentivo ao bom convívio com o diferente. Neste caso, a memória institucional contribui para nos fazer entender e identificar se a diversidade cultural está ou não presente nessa construção e até que ponto e como isso acontece.

Hoje, como sempre na nossa história, experimentamos o mundo de muitos modos, com diversificadas cores, em espaços e tempos plurais, com densidades que nos tocam mais ou menos profundamente e a partir de memórias que, ao mesmo tempo que se inscrevem na nossa experiência de mundo, acolhem também na sua constituição os ecos dessas mesmas experiências e os fragmentos da sua dispersão (Andrade, 2009, p. 7).

Quando há valorização da diversidade cultural, seja por meio dos serviços ou dos produtos e recursos oferecidos, os espaços de memória, neste caso as bibliotecas e/ou centros de memória, colaboram para o fortalecimento do respeito e elo entre as pessoas.

Sendo o objetivo 4 a base para as demais ODS mencionados, cabe também destacar o ODS 16.10 que também possui ligação com o acesso ao conhecimento. A Agenda 2030, por meio dos ODS 16.10, busca “assegurar o acesso público à informação e proteger as liberdades fundamentais, em conformidade com a legislação nacional e os acordos internacionais” (Internacional... 2016). Em vista disso, as bibliotecas devem colaborar para que seus registros sejam adequados aos seus leitores, tal como é descrito nas leis de Ranganathan, produzindo meios para que as informações sejam de fácil acesso e conhecidas pela comunidade interna e externa da instituição. A mesma lógica deve reger um centro de memória ao garantir e facilitar o acesso à memória institucional: o cumprimento do ODS 16.10, ao mesmo tempo em que permite o conhecimento da memória local por meio das informações disponibilizadas, constrói o senso de pertencimento e identidade. A memória institucional torna-se, neste caso, um caminho para a promoção de elos afetivos.

2.3 Biblioteca como (potencial) promotora da construção de identidade, senso de pertencimento e memória institucional

No decorrer do tempo as bibliotecas foram assumindo diferentes serviços, funções e categorias (bibliotecas infantis, bibliotecas escolares, bibliotecas universitárias, bibliotecas especializadas, bibliotecas nacionais, bibliotecas públicas, entre outras). Assim, deixaram de ser vistas apenas como depósito e, de acordo com Fonseca (2007), assumiram a característica de ter bibliotecários com a missão de entregar a informação ao usuário segundo suas necessidades (Fonseca, 2007), e também passaram a ser vistas como lugares de memória (Silveira, 2010).

Desta forma, a responsabilidade social da biblioteca deixa de ser centrada apenas na organização do acervo, e dá suporte à preservação da memória e mediação da informação (Lima, 2014), ao mesmo tempo que abarca ações de promoção à integração entre público e registros de informação, mudança que possibilita uma mediação centralizada nas ações sociais (Gomes, 2014).

Sendo assim, essa integração pode, em muitos momentos, tornar-se também afetiva em suas relações neste ambiente informacional. A biblioteca torna-se um lugar mais humanizado por meio de seus serviços e relação com os seus usuários. Isto porque, em muitos casos, a biblioteca oferece ações que possibilitam uma aproximação do usuário com a

informação, ao mesmo tempo em que promove integração suprimindo assim outras necessidades para além das informacionais.

Ao promover integração e a possibilidade de formação de elos afetivos, a biblioteca se torna um lugar onde a memória é construída e compartilhada pelas pessoas, em seu grupo, por meio das suas relações sociais e afetivas.

Nesse ponto, podemos articular o afeto e a representação na produção da memória como partes integrantes de um mesmo processo [...] de todas as experiências que nós vivemos no aqui e no agora, selecionamos, como impressões ou lembranças, aquelas que nos afetam em um campo de relações. Todavia o que nos afeta é o que rompe com a mesmice em que vivemos; a mesmice não nos impressiona ou nos marca. O que nos afeta é antes um encontro, uma palavra nova, uma experiência singular (Gondar, 2003, p. 25).

Neste caso, esta experiência única pode acontecer na mediação da informação, criando um processo de comunicação no compartilhamento do conhecimento, que permite aos usuários da informação exercitarem o diálogo e criatividade, ao mesmo tempo em que podem colaborar para a criação de vínculos, senso de pertencimento e transformação da realidade do sujeito em meio aos múltiplos afetamentos existentes neste local, ou através dos registros dos acontecimentos ocorridos em outros momentos que agora são passíveis de serem rememorados. Isso contribui para o desenvolvimento do sentimento de pertença, por estar em um lugar que provoca seus sentimentos, ao mesmo tempo que acessa o conhecimento. Neste caso o profissional da informação atua na mediação da informação, facilitando a partida e chegada da informação em um ambiente de interação (Brito; Vitorino, 2017).

Esta promoção dos elos afetivos é vista somente quando a biblioteca objetiva, em sua prática diária, incentivar o senso de pertencimento. Entretanto,

Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”. Em outras palavras, a ideia de “ter uma identidade” não vai ocorrer às pessoas enquanto o “pertencimento” continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa. Só começarão a ter essa ideia na forma de uma tarefa a ser realizada, e realizada vezes e vezes sem conta, não de uma só tacada (Bauman, 2005, p. 17-18).

Cabe também destacar que o ser humano tem a necessidade de pertencer a um grupo a partir de diferentes motivações, em busca de conexões sociais. Do contrário, quando o sentimento de pertencimento não ocorre, o indivíduo tende a se sentir excluído, prejudicando as habilidades de socialização, causando ansiedade e isolamento social. No caso dos adultos

mais velhos, a solidão pode causar a mortalidade e diminuição da saúde física e habilidades cognitivas (Gastal, 2016).

Deve-se pensar na ligação entre memória e identidade tratada por Michael Pollak (1992) em “Memória e Identidade Social”. Para o autor “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade” (Pollak, 1992, p. 204). Um sentimento que é construído em sua vivência com o outro. Desta forma, “ninguém pode construir uma auto-imagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros.” (Pollak, 1992, p. 204)

Sendo assim, a vivência em sociedade é fundamental para a formação da identidade. “A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com os outros” (Pollak, 1992, p. 204).

Além disso, em seu texto “Memória, esquecimento e silêncio”, Pollak (1989) também fala sobre a importância da memória e identidade serem fortalecidas em grupos sociais, criando-se assim uma proteção contra grupos externos e problemas que possam surgir. Afinal, uma memória consolidada, atrelada às vivências em sociedade, estabelece uma forte ligação e pontos de sustentação das identidades coletivas. Logo, a memória ao mesmo tempo em que interpreta o passado na intenção de salvaguardá-lo, constrói e reforça os “sentimentos de pertencimento”, a identidade coletiva em diferentes grupos sociais (Pollak, 1989, p. 7). Por isso,

O que denominamos “nossas identidades” poderia provavelmente ser melhor conceituado como as sedimentações através do tempo daquelas diferentes identificações ou posições que adotamos e procuramos “viver”, como se viessem de dentro, mas que, sem dúvida, são ocasionadas por um conjunto especial de circunstâncias, sentimentos, histórias e experiências única e particularmente nossas, como sujeitos individuais. Nossas identidades são, em resumo, formadas culturalmente (Hall, 1997, p. 26-27).

Assim, um grupo constrói sua imagem e, conseqüentemente, sua identidade. Essa construção é produzida e mantida por meio de uma tarefa bastante difícil que requer esforço para manter tudo que contribui com a imagem que se deseja preservar (Gondar, 2016). Uma construção baseada na memória do grupo, a partir das recordações que foram criadas e transformadas ao longo de uma trajetória.

Por que as recordações são fundamentais para a construção da identidade? Uma das explicações está no fato de que a memória provê respostas sobre a própria origem. Em vista disso, o indivíduo compreende-se à luz dessas respostas como parte de uma identidade abrangente. Logo, as identidades se produzem e se desfazem. É um conjunto composto pela

história da vida pessoal e observação de si próprio e dos registros (Assman, 2011). As emoções decidem o que podemos acessar de recordação. “As respectivas emoções e os motivos de agora são guardiões do recordar e do esquecer” (Assman, 2011, p. 71).

No livro “Por quê memória social?”, a pesquisadora Regina Abreu fala sobre a importância da relação afetiva na construção da memória. Acresce que a memória está associada à atividade relacional entre diferentes sujeitos (Abreu, 2016).

Abreu diz que a memória é resultante de sua relação com a alteridade. Cita o livro de Mem Fox que apresenta a lembrança como produção de uma relação afetiva, um mútuo afeto entre os indivíduos. E isso tudo só acontece na interação com o diferente (Abreu, 2016, p. 42), em situações em que as pessoas diferem seja pela idade ou qualquer outro fator. Destaca que:

O tema da alteridade é central para a antropologia, é ele que baliza o debate sobre a construção das identidades sociais. No contexto antropológico, o conceito de identidade tem sido pensado como exercício da diferença, pois pressupõe sempre o olhar sobre o outro, entendendo que só é possível compreendê-lo se nos abirmos para a visão que o outro tem de si mesmo, ou seja, se exercitarmos a atitude de ouvir e perceber os outros modos de existência diferentes dos nossos (Abreu, 2016, p. 42).

Logo, a construção das identidades está atrelada ao tema da alteridade. Sendo a configuração da memória o “elemento fundamental para a construção e fortalecimento da identidade e cidadania de uma sociedade” (Nogueira, 2022, p. 2).

Por isso, uma biblioteca, enquanto lugar de memória que visa promover a criação de elos afetivos, terá que reafirmar os saberes mnemônicos tornando-os móveis, traduzíveis e permutáveis.

Portanto, partindo da concepção de que a memória é uma faculdade estruturada por indivíduos em interação, que são a um só tempo constituídos e constituintes de sua história, nos tornamos capazes de assinalar que a preservação e o acesso aos insumos mnemônicos se convertem em táticas e estratégias poderosas para que o homem moderno fundamente seus referenciais identitários (Silveira, 2010, p. 73).

Dentre os espaços nos quais é possível entrar em contato com estes “insumos mnemônicos” estão os Centros de memória existentes em diferentes instituições, tal como no Programa Centros de Memória do IFFluminense, que será apresentado a seguir.

3 O PROGRAMA CENTROS DE MEMÓRIA DO IFFLUMINENSE

Tratar sobre o Programa Centros de Memória do IFFluminense requer falar, primeiramente, sobre os principais aspectos do Instituto, tais como: história, missão e visão. Afinal, todos interferem diretamente nas práticas do Programa e, conseqüentemente, na percepção que a sociedade tem sobre ambos: Programa e Instituição.

3.1 Instituto Federal Fluminense: história, missão e visão

De acordo com Campos (2016) a história do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense (IFFluminense) seguiu a trajetória histórica das Escolas Profissionais inicialmente implantadas no Estado do Rio de Janeiro pelo seu idealizador, e natural do município de Campos dos Goytacazes (RJ), Nilo Peçanha (1867-1924). Seus pais eram de origem humilde, mas se preocupavam com sua educação. Assim, Nilo finalizou o ensino primário e secundário. Em seguida foi para São Paulo e depois Recife, formando-se em Direito na Faculdade de Direito de Recife (Maria, 2019).

Figura 3: Nilo Peçanha, o primeiro negro presidente do Brasil (1867-1924)



Fonte: Moura (2017)

Sua trajetória nos estudos e na política, tal como a matéria abaixo apresenta, o direcionou para ações de fomento à educação, e, conseqüentemente, a criação das dezenove Escolas de Aprendizes Artífices. “Essas escolas foram os embriões da organização do ensino técnico profissional no Brasil” (Campos, 2016, p. 28).

Figura 4 – A trajetória de Nilo Peçanha



Fonte: Carvalho (2017, p.116)

De acordo com a matéria apresentada, Peçanha foi eleito Deputado Federal aos 21 anos, e manteve-se no posto sobre quatro legislaturas. Ele seguiu carreira política, foi eleito senador aos 35 anos, e, por fim, presidente da República, aos 41 anos.

Suas habilidades políticas o levaram a articulações em prol da educação profissionalizante, dando início a uma trajetória que originou o IFFluminense. (Campos, 2016).

Por estabelecer o ensino profissional em diferentes localidades, Nilo Peçanha foi considerado patrono do ensino oficial das profissões no Brasil. O campista, na época presidente da República, determinou, em 1906, o Decreto n.787, de 11 de setembro de 1906. Esse decreto permitiu criar as Escolas de Aprendizes e Artífices (EAAs), precursoras dos Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFET) e do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Fluminense (IFFluminense), dando assim início à educação profissional brasileira (Campos, 2016).

Esta nova proposta de ensino surgiu a partir dos interesses de Nilo Peçanha, que estavam voltados para o desenvolvimento dos setores agrícola e industrial. Ele entendia que, para ocorrer um grande desenvolvimento nesses campos, era necessária a existência de mão de obra qualificada, tal como a de ofícios e agrícola (Carvalho, 2017). Em vista disso, foram

criadas quatro escolas em diferentes municípios (Campos dos Goytacazes, Niterói, Petrópolis e Paraíba do Sul) que tinham desenvolvimento industrial, e por isso tinham capacidade para absorver mão de obra. Tal fato ocorreu porque, “o país ao apresentar um crescimento no setor industrial, necessitava cada vez mais de profissionais capacitados para suprir a demanda do mercado” (Campos, 2016, p. 45), buscando assim o fortalecimento dos dois setores no período da Primeira República. Segundo Carvalho,

A aprendizagem industrial se tornou uma necessidade cada vez maior no Brasil da Primeira República conforme a economia se transformava e aumentava a complexidade da tradicional divisão do trabalho no país. A velha formação no próprio ambiente do trabalho foi sendo acrescida de iniciativas particulares e públicas no sentido de criar e organizar liceus de ofícios e assemelhados para poder suprir demandas específicas conforme surgiam, mas sempre sob supervisão municipal ou no máximo estadual (Carvalho, 2017, p. 1).

No entanto, devido às dificuldades relacionadas à falta de preparo dos professores, equipamentos e pedagogia inadequada, as Escolas de Aprendizes Artífices (EAA) duraram pouco mais de um ano, e só retornaram em 1909, quando, ao assumir a presidência, Nilo Peçanha assina o decreto nº 7.566 que cria dezenove EAAs em diferentes unidades federativas, destinadas ao ensino gratuito para os “desvalidos de sorte” (Lopes, 2019, p. 5), sendo por isso consideradas o embrião das escolas de ensino profissional no Brasil, inicialmente ofertado aos mais jovens.

Na imagem abaixo é possível observar a Escola de Aprendizes Artífices instalada em 1909, em Campos dos Goytacazes, no Norte Fluminense.

Figura 5- Escola de Aprendizes Artífices criada em 1909



Fonte: IFFluminense (2018)

A Escola foi instalada em Campos devido às articulações político partidárias do início do século, que prezavam por compor uma força de trabalho com base em mão de obra livre qualificada no município, que estava em amplo desenvolvimento industrial. A EAA assumiu importância significativa para a região (Plano..., 2018), oferecendo aos alunos preparo técnico e intelectual para atuar atendendo às demandas dos setores industriais da localidade ao mesmo tempo que os ocupava desenvolvendo suas habilidades conforme o Decreto nº 7.566.

Considerando: que o aumento constante da população das cidades exige que se facilite às classes proletárias os meios de vencer as dificuldades sempre crescentes da luta pela existência: que para isso se torna necessário, não só habilitar os filhos dos desfavorecidos da fortuna com o indispensável preparo técnico e intelectual, como fazê-los adquirir hábitos de trabalho profícuo, que os afastará da ociosidade ignorante, escola do vício e do crime; que é um dos primeiros deveres do Governo da República formar cidadãos úteis à Nação (Brasil, 1909, p. 1).

Assim, inicialmente chamada de Escola de Aprendizes Artífices, com o passar do tempo passou a ser denominada de formas diferentes, tais como Centro Federal de Educação Tecnológica Campos (CEFET), e por fim, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense (IFFluminense) (Plano ..., 2018).

De acordo com o Projeto Político Pedagógico do campus Itaboraí – PPP (2021) – as mudanças das nomenclaturas podem ser apresentadas conforme tabela abaixo:

Quadro 1: alteração das nomenclaturas do atual IFFluminense

Ano	Nomenclatura
1909	Escolas de Aprendizes Artífices
1945	Escola Técnica Industrial
1959	Escola Técnica Federal
1999	Centro Federal de Educação Tecnológica
2008	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia

Fonte: Projeto... (2021)

Estas modificações ocorreram devido a mudanças na gestão da educação profissionalizante do país, que levaram à adoção de termos como “ciência”, “tecnológica” e “tecnologia”. “Essas alterações não foram apenas novas nomenclaturas e sim novas dimensões filosóficas que alteraram os objetivos, o perfil e a própria organização e escopo da atuação institucional” (Projeto..., 2021, p. 11).

Entre as mudanças ocorridas estão: ampliação da oferta de cursos da área tecnológica, atendimento a setores industriais com oferta de mão de obra especializada, expansão territorial no que diz respeito a implantação de novas unidades de ensino e investimento em pesquisas científicas e inovação. Desta forma, foram modificados os nomes e ampliadas as ações no campo da educação profissional (Campos, 2016).

Hoje, essa educação é oferecida nos doze campi (Macaé, Cabo Frio, São João da Barra, Maricá, Santo Antônio de Pádua, Quissamã, Bom Jesus do Itabapuna, Cambuci, Campos dos Goytacazes, Campos Guarus, Itaboraí e Itaperuna) construídos sequencialmente entre 1910 e 2021 conforme tabela abaixo:

Quadro 2- Ordem anual de implantação dos campi

Campus	Ordem	Ano de implantação do campus
Campos Centro	1º	1910
Macaé	2º	1993
Campos Guarus	3º	2006
São João da Barra	4º	2006
Itaperuna	5º	2006
Bom Jesus de Itabapoana	6º	2008
Cabo Frio	7º	2009
Quissamã	8º	2010
Cambuci	9º	2014
Santo Antônio de Pádua	10º	2015
Maricá	11º	2015
Itaboraí	12º	2021

Fonte: IFFluminense (2018)

O Plano de Desenvolvimento Institucional (2018) afirma que o IFFluminense atende um público que busca uma instituição de ensino que o prepare para o mercado de trabalho em seus cursos – que vão da educação básica até a pós-graduação –, ao mesmo tempo em que oferece uma educação de qualidade, voltada para a inclusão, nas regiões noroeste, norte e baixadas litorâneas do Rio de Janeiro. Além disso, segundo o plano (2018) a instituição considera o aluno e seu meio social e cultural, promovendo um ensino integral e assumindo sua missão que visa oferecer uma educação profissional e tecnológica (Plano..., 2018).

De acordo com o IFFluminense, sua proposta está “pautada pela construção do sujeito no seu contexto histórico-social” (Plano..., 2018, p. 62). Assim o Instituto investe na construção de espaços de convívio e formação, por meio de projetos de extensão, projetos culturais, eventos científicos, festas temáticas relacionadas à cultura local, entre outras ações.

A concepção de educação profissional e tecnológica do IFF é sustentada pela educação integral do sujeito, cujo caráter é de totalidade, possibilitando a manifestação das individualidades, sem se limitar apenas ao trabalho manual ou intelectual da atividade produtiva (Plano..., 2018, p. 62).

Segundo o Plano de Desenvolvimento Institucional do IFFluminense (2018), a instituição também atua em ações de integração voltadas para a inclusão social, por meio dos projetos (Núcleos de gêneros; Núcleos de Estudos Afrobrasileiros e Indígenas; e Núcleo de Apoio à Pessoa com Necessidades Educacionais Especiais) que tratam de assuntos como questões de gênero, assistência a alunos com necessidades especiais e igualdade racial (Plano..., 2018). Tais ações são registradas por meio de documentos, imagens e vídeos que são preservados de forma digital, e divulgadas por meio da internet para conhecimento da comunidade interna e externa ao instituto.

Desta forma, muitos momentos vividos nos campi pelos discentes, professores, colaboradores e demais servidores, em diferentes atividades (pedagógicas e relacionais), são registrados em diferentes suportes informacionais.

Estes registros são preservados e disponibilizados com a colaboração dos projetos (previamente selecionados) do Programa Centros de Memória, por meio do ICA-AtoM (Conselho Internacional de Arquivos - Acesso à Memória), um software livre que armazena materiais produzidos sobre os eventos realizados e os disponibiliza no site do IFFluminense. Assim, o Programa Centros de Memória trabalha para que a memória institucional seja preservada e disseminada.

Esta função de preservar e difundir a memória é observada no decorrer da história dos Centros de Memória, conforme será apresentado na próxima seção. Uma função que tem se propagado e desenvolvido com as novas tecnologias a favor da sociedade.

3.1.2 Informação e memória: origem, definições e funções dos Centros de Memória

Arquivos, bibliotecas e museus são instituições que preservam informações e disseminam conhecimento (Dempsey, 2000). Isto porque salvaguardam materiais que são suportes informacionais e de memória.

Além dessas instituições, temos também os centros de memória que possuem algumas características convergentes.

A ideia de que os centros de memória são um misto de arquivo, biblioteca e museu- e que extraem dessa mistura novas funcionalidades- não se esgota no inventário de suas afinidades e diferenças. É preciso verificar até que ponto constituem um espaço institucional realmente novo, o que implica verificar também em que medida seu aparecimento, no âmbito das organizações, reflete as profundas alterações ocorridas no mundo contemporâneo (Camargo; Goulart, 2015, p. 29).

Os centros de memória surgem como espaços que adotam a afirmativa de que “a memória não é apenas aquela que está com e nas pessoas, mas também nos documentos preservados nas instituições” (Fontanelli, 2005, p. 25).

Deve-se destacar que mesmo que seu acervo seja similar ao de muitas bibliotecas, ele é heterogêneo, possuindo um diferencial baseado em três matrizes: a documentação reunida pela instituição (atas, ofícios, portarias, editais, etc.), a documentação fabricada (criação de relatórios especiais, técnicas de história oral junto aos funcionários, etc.) e a documentação obtida de fontes externas (livros, artigos, manuais e outras publicações) (Camargo; Goulart, 2015).

Com matrizes tão distintas, esses elementos passam a conviver no centro de memória, formando um acervo que, além de ostentar aspectos próprios às modalidades de custódia exercidas por arquivos, bibliotecas e museus, operam ainda outro tipo de amálgama: colocam, no mesmo plano, dados, informações e arrazoados que possam concorrer, cada qual à sua maneira e em diferentes escalas, para a produção de conhecimentos à instituição (Camargo; Goulart, 2015).

Outra observação a ser feita é que os centros de memória têm um formato, alcance e significado específico, mesmo sendo muitas vezes lembrados e entendidos como arquivos.

Como lugares tradicionais de memória podemos citar: museus, bibliotecas e arquivos. Posteriormente foram criados os centros de memória para substituir os centros de documentação e centros de informação. Assim, deixava-se a cultura para os museus, a informação para a biblioteca e os documentos administrativos para os arquivos. Mas quando os centros culturais ou centros de memória surgiram (Grunberg, 2005) e se multiplicaram, esses tipos de “*bem*” foram absorvidos pelo que hoje se pode chamar de patrimônio cultural (Dodebei, 2011).

Logo, temos museus, centros de memória, bibliotecas e arquivos contribuindo para a difusão cultural, formando uma grande teia (Chagas, 2002). Pensar sobre suas convergências e divergências é um longo caminho, mas que possibilita entender melhor o papel de cada um desses equipamentos culturais a serviço das pessoas. “São lugares nos quais as pessoas podem redescobrir valores e experiências, e que reforçam vínculos, criam empatia com sua trajetória e podem refletir sobre as expectativas dos planos futuros [...] e transformar a memória em conhecimento útil” (Worcman, 2004, p. 23).

Neste caso, cabe também destacar que um acervo voltado à memória institucional não é formado para atender apenas à comunidade interna da instituição, mas também ser útil para a comunidade científica que poderá se beneficiar dos documentos em suas pesquisas (Fontanelli, 2005).

Assim o acervo de memória institucional possui características específicas, podendo inclusive abrigar coleções especiais, afinal:

As coleções especiais são caracterizadas por seu valor artfactual ou monetário, pelos formatos físicos que armazenam, pela singularidade ou raridade dos itens, e/ou pelo compromisso institucional com a preservação e o acesso em longo prazo. Tais coleções, geralmente, são instaladas como unidades independentes, separadas do acervo geral (Pinheiro, 2015, p. 34).

Desta forma, o papel do bibliotecário como profissional da informação, preservador da memória e fomentador de ações criativas nos centros de memória é de fundamental importância na medida em que a preservação da memória da instituição representa também a preservação da memória da sociedade. Afinal, “as experiências pelas quais passa uma

organização são acumuladas, ao longo dos anos, nas suas pessoas, cultura, processos e em seus documentos, e esse conjunto de conhecimentos forma a sua memória” (Spiller; Pontes, 2007, p. 99) que, por sua vez, se articula com os contextos e sistemas nos quais a instituição se encontra inserida.

De acordo com Camargo (2015), os profissionais que atuam nos centros de memória possuem, em sua maioria, uma formação específica em história ou biblioteconomia, “mas observa-se também a presença de outros profissionais, como jornalistas, comunicadores, sociólogos e antropólogos” (Camargo, 2015, p. 69). Esses profissionais e seus diferentes conhecimentos colaboram para o melhor conhecimento do acervo e, conseqüentemente, desenvolvimento do trabalho. Afinal, esses lugares contêm acervos com temas que tratam sobre questões da humanidade, tais como: cultura local, documentação, matérias de jornais, fotografias, obras de arte etc.

Por isso, tais profissionais podem ser grandes colaboradores para os bibliotecários, propondo diálogos e ações para o melhor tratamento do acervo. Afinal, segundo a obra “Centros de memória: manual básico para implantação” (Centros ..., 2013), em um centro de memória:

Há dois perfis técnicos essenciais nessa composição: o de pesquisa – historiador ou outro profissional da área de ciências humanas – e o de documentação – seja ele arquivista graduado, seja ele bibliotecário ou profissional de outra área, mas com especialização ou treinamento específico. (Centros ..., 2013, p. 19)

Neste caso, o papel do bibliotecário é atuar nos centros de memória a partir de suas competências específicas, juntamente com outros profissionais, desenvolvendo práticas biblioteconômicas que colaborem para os serviços de preservação e difusão do acervo, tal como acontece em alguns casos observados nas experiências do Programa Centros de Memória Fluminense.

Ainda, de acordo com Alves (2020):

É imprescindível que o bibliotecário atuante em centros de memória extravase sua atuação técnica para contribuir mais ativamente na organização museológica e na educação museal, entendendo melhor o assunto e o contexto histórico das coleções. O fortalecimento da extensão e ampliação do contato com o usuário dessa unidade de informação também se faz necessário para o desenvolvimento de um trabalho interdisciplinar, em que tanto o bibliotecário, quanto o museólogo, o arquivista e até mesmo o historiador exercem papéis de parceria e protagonismo na construção de conhecimento. (Alves, 2020, p. 152)

Assim os bibliotecários que atuam em centros de memória desenvolvem parcerias, trabalhos e conhecimento em parceria com profissionais de outras áreas. Esta parceria

também é vista em alguns centros de memória do Instituto Federal Fluminense tal como descrito nas próximas seções.

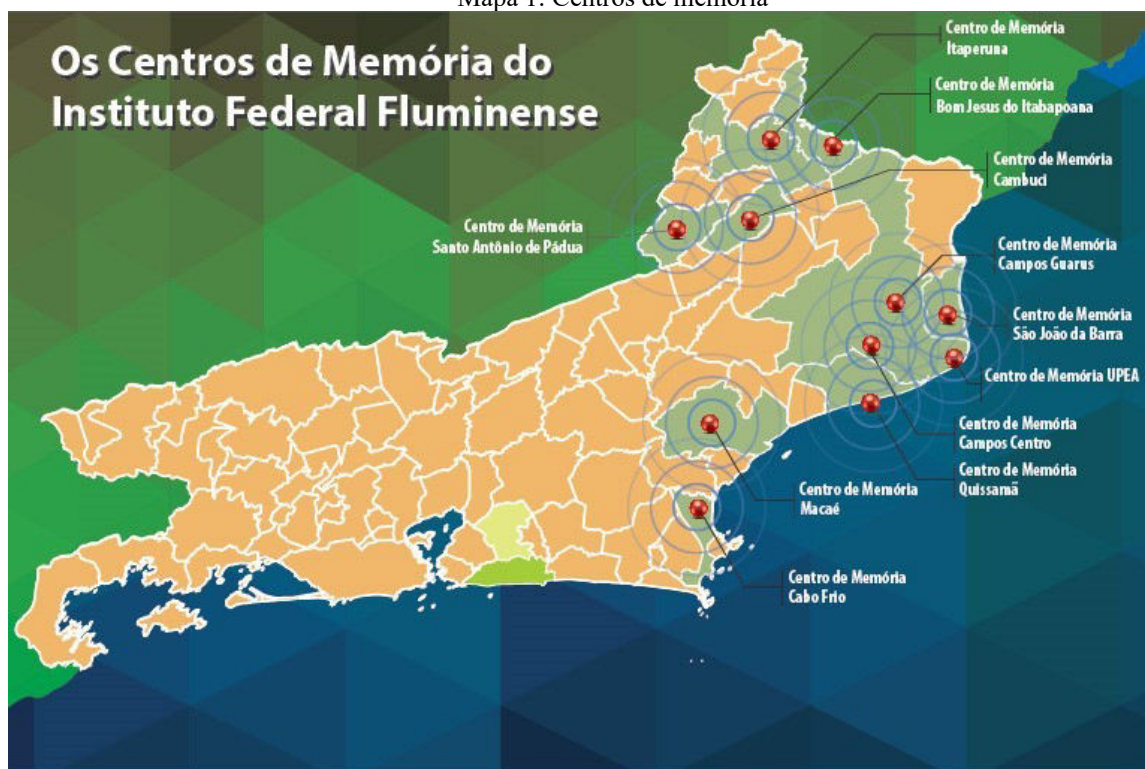
3.2 Redescobertas e experiências do programa centros de memória do IFFluminense

Uma das formas de definição da palavra “Programa” é: “lista detalhada de compromissos, de projetos ou planos a executar” (Ferreira, 2010, p. 615). No caso do Programa Centros de Memória (PCM) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense (IFFluminense), projetos são submetidos, avaliados e selecionados anualmente, compondo assim os centros de memória. Estes projetos vigoram por um determinado período, conforme interesse dos seus coordenadores, e podem ser substituídos quando não houver mais interesse na continuidade.

O Programa Centros de Memória do IFFluminense foi criado em 2012 com o intuito de resgatar, fomentar, preservar e difundir a memória institucional e cultura das regiões onde atua, colaborando para uma formação histórico-cidadã, e para preservação da cultura local (CENTRO..., 2013), seja por meio da preservação e divulgação de registros, seja por meio do incentivo a eventos que apresentem algum aspecto cultural, contribuindo inclusive para o fortalecimento do vínculo instituição-sociedade (CENTRO..., 2013).

Para tanto, as ações são bastante variadas, em consonância com as especificidades de cada campus e regiões de influência, podendo ser resumidas categorizadas em ações de: “memória institucional, educação patrimonial, identificação e seleção de acervo, digitalização de acervo, turismo patrimonial, registros e depoimentos audiovisuais” (CENTRO..., 2013). Segue abaixo uma imagem do mapa criado em 2015 indicando os projetos Centros de memória que existiam neste ano.

Mapa 1: Centros de memória



Fonte

: IFFluminense (2015).

Entretanto, de 2015 até 2022, devido a inconstância na apresentação de projetos por parte de alguns campi, muitos projetos de centros de memória foram finalizados ou substituídos, mudando assim a representatividade dos campi no mapa.

Cabe destacar que a partir de projetos submetidos e selecionados em editais todos os anos, o Programa tem atuado disponibilizando conteúdo (fotografias, documentos e vídeos) de forma digital e física, e realizando eventos (exibição de documentários, festivais de música, palestras, rodas de conversa etc.) sobre a memória institucional e cultura local, entre outras iniciativas.

Desta forma, o programa também tende a responder ao objetivo 16.10, referente ao acesso à informação, naquilo que lhe cabe como promotor da memória institucional, ao possibilitar o acesso físico e/ou digital a documentos tanto para a comunidade interna quanto a externa. Oferece, tal como outros Centros de memória, diferentes tipos de materiais informacionais, inclusive depoimentos registrados em audiovisual (Fontanelli, 2005). Estes materiais são armazenados no software livre ICA-AtoM, em redes sociais e no Software Sophia, conforme será descrito no decorrer do trabalho.

Cabe destacar que a execução dos projetos do Programa Centros de Memória de cada campus, ocorreu em ordem cronológica a partir de 2012, de acordo com os editais de seleção.

Todos esses projetos foram postos em ação a partir da aprovação nesses editais, que estabeleciam as seguintes diretrizes para os centros de memória:

Diretrizes dos Projetos [...] III - centros de memória: são locais de preservação e divulgação do acervo histórico-cultural de um determinado grupamento social. São projetos que se ocupam da preservação da memória do Instituto Federal Fluminense e dos grupos sociais que formam os territórios em que estão inseridos, incentivando a utilização de metodologias participativas na organização, preservação e divulgação do acervo (Instituto ..., 2022).

De acordo com o último edital publicado em novembro de 2022, apenas um projeto pode ser submetido por campus, eliminando assim a concorrência intra campi entre projetos.

Segue abaixo tabela com o nome dos campi e os respectivos anos em que os projetos foram submetidos e avaliados. Nota-se que alguns anos não aparecem em alguns campi pois não há registros de projetos selecionados.

Quadro 3- Os campi e ano de seleção dos projetos avaliados e submetidos.

Campus	Ano
Bom Jesus do Itabapoana	2018, 2019, 2020, 2021
Cabo Frio	2018, 2020, 2021
Cambuci	2020, 2021
Campos Centro	2018, 2019, 2020, 2021
Campos Guarus	2018, 2019, 2020, 2021
Itaboraí	2022
Itaperuna	2018, 2019, 2021
Macaé	2018, 2019, 2020, 2021
Maricá	2018, 2019, 2020
Quissamã	2019, 2020, 2021
Santo Antônio de Pádua	2018, 2019, 2020, 2021
São João da Barra	2018, 2021

A fim de reunir registros audiovisuais, fotográficos e documentos pertencentes aos diferentes projetos selecionados tal como consta na tabela anteriormente apresentada, o Programa Centros de Memória também criou um Núcleo Central, em 2016, que tem, entre suas atribuições (CENTRO., 2013): tratamento técnico do acervo; digitalização; disponibilização do acervo digital na base de dados do núcleo central; apoio tecnológico às

atividades realizadas; constituir juntamente com as bibliotecas dos campi o conceito de biblioteca parque; entre outras.

Assim, em 2016, o Núcleo Central do Programa Centros de Memória iniciou a construção do seu acervo digital que pode ser consultado no endereço.²

Entretanto, após um período inativo,

A iniciativa AtoM está sendo retomada desde 2020 através do fomento da Coordenação de Políticas Culturais e de Diversidade (CPCDREIT), envolvendo equipe multidisciplinar que busca construir os parâmetros de utilização do sistema para todos os campi da instituição possibilitando o desenvolvimento da ferramenta enquanto solução para custódia dos amplos acervos acumulados pelos Centros de Memória dos campi (CENTRO..., 2013)

Para tanto, o Núcleo Central aceita doações para compartilhamento de fotos a fim de disponibilizá-las no site através do sistema ICA-AtoM. Assim, as imagens são selecionadas, descritas e divulgadas pela equipe do núcleo central, apresentando informações como ano, local e outras mais específicas.

Além das imagens fotográficas, a página do Núcleo apresenta vídeos criados pelos projetos, conforme mostra a tabela a seguir:

² Disponível em: <<http://icaatom.iff.edu.br/>>.

Quadro 4- Relação dos vídeos e resumo do conteúdo existentes na página do IFFluminense no software livre ICA-AtoM

Título	Resumo
Série “Memórias do Futebol”	A partir de trabalho feito em conjunto com as matérias de História, Geografia e Sociologia, sob orientação dos professores Eduardo Moreira, Laila Gomes e Fernanda Rabelo, os vídeos foram produzidos em trabalho sobre Memórias do futebol brasileiro, pelas turmas de 3º ano do campus Bom Jesus do Itabapoana, no ano de 2014.
Documentário “O Gancho”	“O Gancho” é resultado de pesquisa, produção e edição do audiovisual realizada por estudantes do IFF campus Quissamã e da rede pública estadual de ensino de Quissamã.
Apresentação do Centro de Memória do campus Quissamã	O vídeo apresenta o Centro de Memória do campus Quissamã e o trabalho realizado por alunos e servidores.
História do campus Macaé	Vídeo produzido pelo Centro de Memória do campus Macaé sobre a história da construção da unidade do IFFluminense.
História do CTAIBB- campus Bom Jesus do Itabapoana	O vídeo, com imagens antigas, foi produzido por ex-alunos da primeira turma do antigo CTAIBB, que estudou entre 1970 e 1974 no campus, e cedido pelo ex-aluno Joaquim Santos, representante da antiga turma e ex-aluno da UNATI entre 2012 e 2013.
Oficina de audiovisual do Centro de Memória	Vídeo produzido pelos integrantes do Programa "Centros de Memória", em oficina de audiovisual ministrada pelo Centro de Memória do campus Itaperuna.

Outros materiais disponibilizados no ICA-AtoM são fotos e documentos relacionados aos Centros de Memória. Entretanto, há apenas links de acesso aos acervos digitalizados dos campi Macaé e Santo Antônio de Pádua, juntamente com o arquivo de clipping de jornais sobre a história do IFFluminense campus Macaé. Isto porque foram os únicos dois campi que enviaram materiais preservados pelos seus projetos.

Cabe destacar que os projetos aprovados em editais, vigoram por um tempo específico. Suas ações desenvolvidas são voltadas para preservação e difusão dos registros da memória institucional a partir de diferentes temáticas.

Diante disso, a seguir apresentamos a lista com os anos e títulos (temáticas) dos projetos avaliados e selecionados em editais do IFFluminense a partir de 2018. Cada projeto, e seu respectivo título, reflete o trabalho desenvolvido juntamente com a comunidade interna e externa do campus. Entretanto, somente os editais de homologação com a relação de projetos aprovados a partir de 2018 estão disponíveis virtualmente para consulta conforme mostram as tabelas a seguir.

a) Resultado do Edital de seleção dos projetos Centros de memória 2018

Na tabela a seguir está a relação de títulos do resultado final da seleção dos projetos de cultura e diversidade do edital N.º 85/2018. Todos os 12 projetos submetidos foram aprovados.

Quadro 5- Projetos selecionados em 2018

Projeto	Campus do projeto
Centro de Memória IFFluminense Campus Macaé: a preservação da memória e sua difusão através do acervo institucional e regional	Macaé
Centro de Memória: Memórias de vidas no campo: a Revolução Verde e as transformações nas “artes de fazer e conviver” dos trabalhadores de bairros rurais de Cambuci (1950-2000)	Cambuci
Centro de Memória do campus Quissamã: Identidade Local e Patrimônio Coletivo	Quissamã
ReContar uma história de luta: digitalização e organização dos arquivos do Movimento Afro Brasileiro de Itaperuna.	Itaperuna
Acervo de José Carlos Ligiero: centro de referência e documentação musical em Itaperuna	Campos Guarus
Centro de Memória Nilo Peçanha	Campos Centro
Navegar é preciso.	São João da Barra
O que vi do IFF	Reitoria
Centro de Memória: fazendo cultura e construindo patrimônio	Pádua
Centro de Memória -IFF campus Bom Jesus do Itabapoana Jesus do Itabapoana: resgate e preservação da memória rural	Bom Jesus
Centro de Memória IFF Maricá: reconhecendo e valorizando nossas memórias	Maricá
A Disseminação da Cultura do Bom Uso das Novas Tecnologias Apoiada a Segurança da Informação.	Cabo Frio

b) Resultado do Edital de seleção dos projetos Centros de memória 2019

Edital de Homologação referente ao Edital N.º 154 - Reitoria, 09 de outubro de 2019. Nenhum dos oitos projetos submetidos foram dados como indeferidos.

Quadro 6- Projetos selecionados em 2019

Projeto	Campus do Projeto
Centro de Memória Nilo Peçanha	Campos Centro
Centro de Memória do campus Quissamã: Identidade Local e Patrimônio Coletivo	Quissamã
Memórias maricaenses: entre o campus e a cidade.	Avançado Maricá
Centro de Memória campus Bom Jesus do Itabapoana: 50 anos do CTAIBB	Bom Jesus
Centro de Memória IFF Macaé: trabalhando com narrativas, identidade, institucionalidade e território	Macaé
Educação Patrimonial no Centro de Memória do Campus Campos-Guarus	Campos Guarus
Resgate de memórias do Colégio Estadual Agrícola Ítalo Mileno Lopes	Santo Antônio de Pádua
ReContar uma história de luta: digitalização e organização dos arquivos do Movimento Afrobrasileiro de Itaperuna	Itaperuna

c) Resultado do Edital de seleção dos projetos Centros de memória 2020

Edital N.º 9 - Reitoria, de 23 de janeiro de 2020. Edital de Homologação referente ao Edital N.º 154 - Reitoria, 09 de outubro de 2019. Resultado final da Seleção dos Projetos contemplou a todos os nove.

Quadro 7- Projetos selecionados em 2020

Projeto	Campus do Projeto
Memórias de Maricá: do rural ao urbano	DGCAM
Centro de Memória do Instituto Federal Fluminense Campus Bom Jesus do Itabapoana: Memória Institucional e a preservação do acervo	Bom Jesus
Centro de memória do campus Cambuci: cadastramento e divulgação	Cambuci
Educação Patrimonial no centro de memória do campus campos guarus	Guarus
O patrimônio cultural local e institucional: invenções a partir de mídias sociais e educação patrimonial	Macaé
Centro de Memória do campus Quissamã: identidade local e Patrimônio Coletivo	Quissamã
Consolidação do Centro de Documentação e Memória do Campus Santo Antônio de Pádua	Santo Antônio de Pádua
Projetos para as atividades do Centro de Memória Nilo Peçanha-campus Campos Centro, de acordo com edital 140, de 23/	Centro
Centro de Memória dos trabalhadores de Cabo Frio e Região	Cabo Frio

d) Resultado do Edital de seleção dos projetos Centros de memória 2021

Edital N.º 38 - Reitoria, de 13 de março de 2021. Edital de Homologação Processo de seleção de projetos de cultura e diversidade, e seleção de estudantes bolsistas e voluntários que aprovou todos os oito projetos submetidos para os Centros de Memória.

Quadro 8: Projetos selecionados em 2021

Projeto	Campus do projeto
Memórias de Maricá: do rural ao urbano	Maricá
Centro de Memória do Instituto Federal Fluminense Campus Bom Jesus do Itabapoana: Memória Institucional e a preservação do acervo	Bom Jesus do Itabapoana
Centro de Memória do campus Cambuci: cadastramento e divulgação de patrimônios material e imaterial das regiões serranas e noroeste fluminense material e imaterial das regiões serranas e noroeste Fluminense	Cambuci
Educação Patrimonial no Centro de Memória do Campus Campos-Guarus	Guarus
O patrimônio cultural local e institucional: intervenções a partir de mídias sociais e educação patrimonial	Macaé
Centro de Memória do campus Quissamã: Identidade Local e Patrimônio Coletivo	Quissamã
Consolidação do Centro de Documentação e Memória do Campus Santo Antônio de Pádua	Santo Antônio de Pádua
Projeto para as atividades do Centro de Memória Nilo Peçanha - campus Campos Centro, de acordo com edital 140, de 23/12/2020	Centro

e) Resultado do Edital de seleção dos projetos Centros de memória 2022

Edital N.º 17 - reitoria, de 18 de fevereiro de 2022 processo de seleção de projetos de diversidade (NEABI, NUGEDIS E CENTROS DE MEMÓRIA), e seleção de estudantes bolsistas e voluntários. Neste Edital foram aprovados os dois projetos submetidos.

Quadro 9- Projetos selecionados em fevereiro de 2022

Projeto	Campus do projeto
Centro de Memória dos Trabalhadores de Cabo Frio e Região	Cabo Frio
Centro de Memória: do IFF pra fora	Pádua

f) Resultado do Edital de seleção dos projetos Centros de memória junho de 2022

Edital Nº 106 - Reitoria, de 15 de Junho de 2022. Resultado final do processo de seleção de projetos culturais, de extensão e de diversidade em fluxo contínuo do Instituto Federal Fluminense. Aprovou um projeto. O único submetido para este edital.

Quadro 10: Projetos selecionados em 2022

Projeto	Campus do Projeto
Centro de Memória IFF Itaboraí: criação, difusão e preservação da memória institucional e cultura local	Itaboraí

As tabelas apresentadas mostram os temas trabalhados nos projetos submetidos aos editais no período de 2018 até 2022. Em determinados momentos, alguns projetos utilizaram as redes sociais para divulgação de registros da memória institucional e cultura local. Entretanto, algumas mídias foram construídas, mas com o passar do tempo desativadas devido à mudança da temática adotada ou à mudança de coordenação.

Desta forma, a seguir, estão algumas informações a respeito das redes sociais (ativas/inativas) construídas pelos projetos. Na sequência, estão somente os projetos dos campi que disponibilizaram suas informações por meio das suas redes, permitindo o conhecimento de tais informações. São eles: Macaé, Guarus, Centro e Itaboraí.

Na tabela a seguir se encontra a relação dos campi, desde o ano da criação do Programa (2012), que criaram algum tipo de rede social para a divulgação de seus projetos.

Quadro 11: Relação dos campi que criaram algum tipo de rede social para divulgação dos trabalhos

Campus do IFFluminense	Facebook	Instagram	Youtube
Bom Jesus de Itabapoana			
Cabo Frio			
Cambuci			
Campos Centro	X	X	
Campos Guarus	X		
Itaboraí		X	
Itaperuna			
Macaé		X	X
Maricá			
Quissamã			
São João da Barra			
Santo Antônio de Paula			

Nota-se, a partir da visualização da tabela, que somente cinco projetos disponibilizaram seu acervo digital nas redes sociais. Além disso, apenas o campus Centro e o campus Macaé possuem mais de uma rede.

a) Projeto Centro de Memória do campus Macaé

Coordenado por um bibliotecário, o projeto Centro de Memória do IFFluminense, localizado no campus Macaé, teve início em 2014, juntamente com outros projetos do Programa. De acordo com o artigo intitulado “A construção do Instituto Federal Fluminense *campus* Macaé e sua relação com a história macaense”, publicado em 2016, o objetivo do projeto é resgatar, organizar e fazer a exposição da memória do instituto e cultura local. Além de apresentar informações sobre o início do projeto, o artigo é também registro de informações sobre a história do próprio campus. Ainda, segundo as informações apresentadas no artigo, o campus foi implantado considerando os aspectos históricos, políticos, sociais e econômicos da região, tais como: a exploração do petróleo e sua demanda por mão de obra, número de habitantes, presença inicial de indígenas no território, início da colonização da cidade, influência, desacato e expulsão de religiosos das cercanias, a instalação da Petrobrás como marco de transformação econômica na década de 70, entre outros (O Debate, 1993).

O artigo foi escrito a partir do levantamento de fontes de informações primárias contidas em um dos registros mais antigos de seu acervo, o jornal local “O debate”.

A seguir, encontram-se alguns recortes do jornal destacando a inauguração da Escola Técnica em Macaé no dia 29 de julho 1993.

Figura 6- Recorte do jornal “O debate”



Fonte: Alves (2020, p. 6)

A manchete do jornal destaca a inauguração do IFFluminense campus Macaé marcando a comemoração dos 180 anos da cidade.

A reportagem é de Martinho Santafé no jornal “O debate”, tratando sobre a inauguração da UED (Unidade de Ensino Descentralizada) da Escola Técnica Federal de Campos no dia 29 de julho de 1993.

Uma empreitada que teve o investimento de U\$3,6 milhões da Petrobrás a fim de investir na profissionalização da comunidade macaense, atendendo assim a carência de mão de obra e maior integração da empresa com a comunidade. Investindo também no ensino médio que apresentava na época uma lacuna.

Tal investimento ajudou na redução do deslocamento dos macaenses para Campos dos Goytacazes em busca de um ensino de qualidade no IFFluminense campus Centro.

Figura 7- Página do jornal “O debate” informando sobre a inauguração da Escola Técnica Federal

O DEBATE - DIÁRIO DE MACAÉ SUPLEMENTO ESPECIAL Macaé (RJ), 29 de Julho de 1993

Escola Técnica Federal, um presente de US\$ 3,6 milhões da Petrobrás para Macaé

Martinho Santafé

No dia em que comemora 180 anos de emancipação político-administrativa, Macaé recebe da Petrobrás um presente de US\$ 3,6 milhões, valor a ser multiplicado por várias gerações que irão se profissionalizar na Unidade de Ensino Descentralizada (UED) da Escola Técnica Federal de Campos. Para inaugurá-la, estarão hoje na cidade os ministros da Educação, Murilo Hingel, e o de Minas e Energia, Paulino Cícero, além do presidente da Petrobrás, Joel Mendes Rennó e, a confirmar, o governador Leonel Brizola.

A UED foi construída mediante convênio firmado entre a Petrobrás - quando presidida a estatal o engenheiro Alfeu Valença - e o Ministério da Educação. A cerimônia de inauguração terá início às 17 horas, com hasteamento das bandeiras do Brasil, do Estado do Rio de Janeiro e de Macaé, e execução do Hino Nacional pela Sociedade Musical Nova Aurora. Estão previstos ainda pronunciamentos do ministro da Educação, do presidente da Petrobrás e do diretor da ETFC, Miguel Ramalho Pessanha, bem como desceramento da placa, visita às instalações e apresentação do Coral da Bacia de Campos.

Como observou o superintendente da Região de Produção do Sudeste (RPSE), Paulo Roberto Costa, foi a primeira vez que a Petrobrás firmou um convênio dessa natureza. "É um grande presente que a comunidade macaense recebe, pois esta escola vai preencher uma enorme lacuna em relação ao ensino de 2º grau", disse. Além de assumir os custos da execução da obra, a Petrobrás irá doar parte dos equipamentos dos cursos de Eletromecânica e Eletrônica, orçados em US\$ 50 mil.

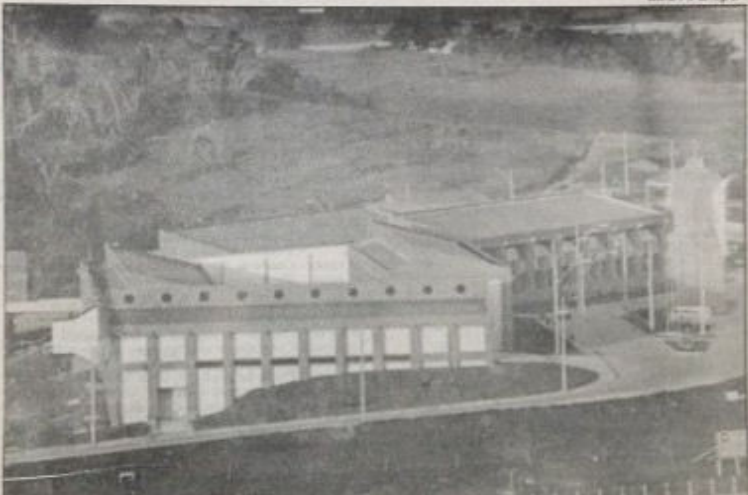
Totalmente planejada e com um acompanhamento integral pela Petrobrás, por intermédio do Cogen - órgão do Serviço de Engenharia da estatal -, a obra abriga um conjunto de prédios numa área de 50 mil m² e em aproximadamente 7 mil m² de construção, foram instalados sete laboratórios, 11 salas de aula, quatro oficinas, biblioteca, auditório com capacidade para 255 lugares, alojamento para professores e vestiário. Lembra Paulo Roberto que a Petrobrás conseguiu reduzir o custo da obra - inicialmente estimado em US\$ 7 milhões - sem a perda de qualidade, graças às soluções técnicas, obtendo a otimização dos custos.

Com a construção da UED - prossegue o superintendente - o jovem macaense não terá mais de se deslocar para Campos, pois terá à sua disposição um ensino de excelente nível. "A UED será pólo de vários eventos educacionais e culturais, e com ela, a Petrobrás cumpre importante etapa na integração com a comunidade". Observou ainda que recentemente, a revista Exame deu ampla cobertura a uma empresa sediada no Rio de Janeiro, pelo fato de ela estar patrocinando uma escolinha de futebol para os moradores do bairro onde está instalada. "Imagino de que maneira a revista destacaria uma obra do porte desta escola", disse.

Paulo Roberto Costa também citou outras obras da Petrobrás que beneficiaram a comunidade macaense, como a reforma do Hospital São João Batista (US\$ 1,5 milhão); reforma total do aeroporto (US\$ 3 milhões), e outras de menor porte, como a construção de áreas de lazer na Praia de Imbetiba e o patrocínio da empresa à equipe do União Macaé, que atualmente disputa o Campeonato da Segunda Divisão de Profissionais.

— A Petrobrás tem enfrentado muitas dificuldades financeiras, com a redução das verbas de investimentos, mas assim mesmo a empresa considerou prioritária a construção da escola técnica, não deixando faltar, em momento algum, recursos para ela, complementou o superintendente da RPSE.

Luiz A. Biago



A Escola Técnica Federal de Macaé, como vem sendo chamada, ocupa um moderno prédio no Mirante da Lagoa

A UED será pólo de eventos educacionais e culturais

Fonte: Alves (2020, p. 7)

Logo, o jornal “O debate” representa uma fonte de informação sobre a criação do campus. Um registro que, juntamente com outros materiais do acervo do Centro de Memória do campus Macaé, preserva a memória institucional.

Desta forma, além de fragmentos digitalizados do jornal, o projeto possui materiais coletados e disponibilizados na internet através da base de dados Sophia. Assim, uma parte da

sua coleção de fotografias e vídeos podem ser acessados tanto pela base de dados, como também no blog do projeto. .

Um blog criado para obter maior difusão e acesso ao seu acervo digital. Assim, o Blog do Centro de Memória de Macaé³ disponibiliza, em sua página na internet, um acervo de imagens digitalizadas desde 2015

Quadro 12: Informações coletadas até o dia 24 de fevereiro de 2024

Ano	Quantidade de Postagens no blog	Quantidade de fotos/registros de eventos ocorridos no campus
2015	15	83
2016	19	23
2017	02	02
2018	01	02
2019	0	0
2020	08	0

Entre o ano 2015 e 2020 a quantidade de postagens variou bastante. Em 2019, nenhuma foi feita, limitando assim o acesso às informações referentes a este ano.

No blog estão registros de imagens do ano 2015 a 2020. Tal como o primeiro registro de evento realizado no campus.

Na imagem a seguir, tem-se como exemplo de meios de divulgação do acervo no Blog do Centro de Memória.

3 Disponível em: <<http://cdmiffmacae.blogspot.com/>>

Figura 8- Blog do Centro de Memória de Macaé



Fonte: Blog do Centro de Memória do campus Macaé

Para um melhor entendimento sobre o símbolo do Projeto Centro de Memória do campus Macaé, conforme aparece na imagem, há no blog uma explicação mais detalhada onde cada elemento do símbolo representa algo específico relacionado ao Centro. Assim a planta, letras, palavras, linha horizontal, cores e chama constituem especificações do projeto.

O símbolo do Centro de Memória, oriundo das iniciais «C» e «M» em estilo cursivo, remete também à imagem de uma chama que se projeta da linha horizonte, significando a preservação da memória, o registro do presente para projeção do futuro. A possível semelhança com uma planta ou árvore também é oportuna, pois remete ainda ao cuidado com a identidade e memória de nossa instituição num contexto dinâmico e vivo. A linha horizontal verde faz menção à uma ponte entre passado e futuro, e, junto à chama vermelha, alude às cores institucionais do Instituto Federal. No logotipo a palavra «memória» está destacada à maneira de «marca-texto» para dar ênfase, com uma tarja amarela, cor que estimula o raciocínio, a atenção e memorização, além de fazer alusão à luz e calor, combinando com o conceito do símbolo e seus significados implícitos (CENTRO ...,).

Ano	Quantidade de Postagens no blog	Quantidade de fotos/registros de eventos ocorridos no campus
2015	15	83
2016	19	23
2017	02	02
2018	01	02
2019	0	0
2020	08	0

O projeto Centro de Memória do campus Macaé também possui um canal no Youtube que apresenta vídeos com registros de momentos dos alunos e servidores no campus. Sendo assim, documentários, entrevistas, aula e inauguração são alguns destes momentos que podem ser assistidos e lembrados.

O canal no Youtube⁴:

Quadro 13: Vídeos do Projeto Centro de Memória de Macaé no YouTube

Vídeos /Títulos	Descrição
Entrevista com a ex-vereadora Marilena Pereira Garcia (34:55)	A entrevista com a vereadora na época que foi construído o IFF campus Macaé. A ex vereadora descreve como foi a carreira política na cidade.
Percussão corporal - Professor Helio Júnior - Calouros 2017 (7:04)	O professor Hélio trabalha percussão corporal juntamente com alguns alunos no auditório do campus
Aula falsa - Calouros de Eletromecânica do processo seletivo de 2017(1:26)	Alunos veteranos encenam receber os calouros com uma falsa aula.
Centro de Memória - Entrevista com o servidor Paulo Roberto dos Santos (9:57)	Bolsista entrevista o recém aposentado servidor Paulo Roberto dos Santos
Simone e Olívia (3:48)	O vídeo mostra uma exposição utilizando folhas de papel A4 e pregadores de roupas.
Entrevista com a servidora Maria Letícia Felicori tonelli e Teixeira Leite (28:35)	Entrevista com a professora recém aposentada que compartilhou suas experiências como docente no campus.
Entrevista com a servidora Cláudia Marcia Pereira Alves (6:03)	A servidora, recém aposentada, fala sobre o seu ingresso no campus e experiências vivenciadas como técnica administrativa
lugares de memória (4:53)	O vídeo apresenta alguns lugares históricos do campus Macaé, tais como: Forte Marechal

4 Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UC0ZuRgZcq1fAF_91blHcLdQ/featured>.

	Hermes, Solar dos Mellos, Camara Municipal, Sociedade musical Nova Aurora, al, Sociedade musical Nova Aurora, Lira dos Conspiradores, Igreja de Sant' Ana, entre outros
Meu vídeo editado (25:56)	O vídeo mostra o encontro de um grupo de alunos que estão estudando sobre a História do campus.
Documentário Histórico do campus IF Fluminense campus Macaé Pt2 (6:44)	Alunos falam sobre os cursos oferecidos no campus e servidores descrevem a importância dos materiais durante as aulas prática.
Documentário Histórico do campus IF Fluminense campus Macaé Pt1 (19:12)	Trata sobre a importância de uma escola técnica na região.
Recepção dos novos servidores em 2014 (10: 32)	Trata sobre a recepção de novos servidores. Mostra um resumo da história da implantação do campus, destacando sua estrutura organizacional.
Inauguração IFF campus Macaé (01:06)	O vídeo mostra o dia da inauguração do IFF Campus Macaé, destacando as apresentações artísticas e discursos durante a cerimônia.

Desta forma, os registros de memórias em suportes audiovisuais são um dos caminhos que o projeto encontrou para preservar e divulgar as recordações das ações realizadas no campus. Seguindo assim a proposta do Programa de preservar a memória institucional.

b) Projeto Centro de Memória do campus Guarus

No caso do Centro de memória do campus Campos Guarus, o primeiro projeto iniciou suas ações em 2014, quando foi selecionado por edital de incentivo à cultura, buscando assim desenvolver um acervo histórico-cultural da região e instituição, que pudesse ser preservado e divulgado de forma ampla (Lopes, 2015).

Para tanto, desenvolveu ações de educação patrimonial juntamente com estudantes, educadores e grupos de terceira idade do município de Campos dos Goytacazes:

visitas a espaços de preservação de história e memória do município; encontros do Clube de História; palestras; exibições de filmes seguidas de debates; participações em eventos acadêmicos; levantamentos de material com abordagem de questões patrimoniais em livros didáticos da rede pública municipal, de imagens referentes à história do *campus* Campos Guarus do IFF e da memória social constituída em torno do patrimônio natural nativo; uma exposição sobre cultura popular regional; um documentário, em parceria com o projeto “Mulheres na História – Conquistas e Desafios”, do

Instituto Superior de Educação Professor Aldo Muylaert (ISEPAM) (Lopes, 2015).

Devido a finalização do projeto anterior iniciado em 2014, em 2017, sob uma nova coordenação, o projeto Centro de Memória buscou o desenvolvimento de uma nova proposta para o tratamento de um outro tipo de acervo. O projeto desenvolveu ações com o intuito de acomodar, preservar e divulgar o acervo particular do compositor José Carlos Ligiero (1930-2017), tendo como um dos objetivos contribuir para a formação e pesquisa dos discentes da Licenciatura em música.

O acervo, que foi construído ao longo dos 60 anos em que Ligiero esteve envolvido com o estudo da música erudita, reuniu diversos materiais como: materiais didáticos, manuscritos e arranjos (Tatagiba, 2011). A escolha do acervo do compositor para desenvolvimento do projeto centro de memórias foi devido pesquisa já realizada pelo seu coordenador durante o mestrado, cujo objetivo era “realizar um registro parcial de obras originais de Ligiero. “(Tatagiba, 2011, p. 10) Um acervo para ser utilizado também como objeto de pesquisa pelos alunos da Licenciatura em música.

Posteriormente, objetivando divulgar informações sobre o acervo e as ações desenvolvidas pelo projeto, criou-se uma página no Facebook, que ainda está em construção, conforme mostra a imagem a seguir.

Figura 9- Página do Projeto Centro de Memória do *campus* Campos Guarus



Fonte: Facebook

A página no Facebook ainda não possui imagens ou qualquer outro conteúdo que possibilite a pesquisa de informações sobre o acervo ou Centro de Memória. Entretanto, algumas imagens que estão abaixo e informações sobre o acervo do compositor foram divulgadas no banner apresentado na IX Mostra de Extensão IFF, UENF, UFF e UFRRJ (2017).

Figura 10- Parte do Acervo do compositor José Carlos Ligiero em sua residência em Itaperuna (RJ).

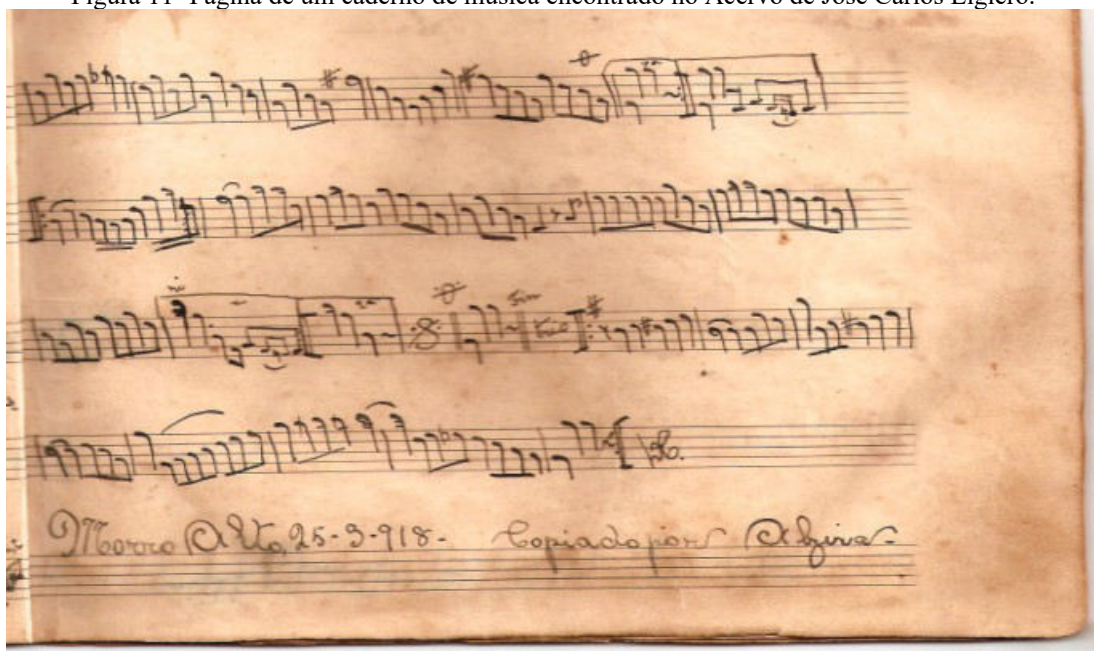


Fonte: Editora Essentia

Na imagem acima observa-se parte do acervo (situado em Itaperuna) do compositor. Materiais que foram doados para compor o projeto centro de memórias. Entre eles estão cadernos de música com partituras e livros, tal como pode ser visto na imagem .

A seguir há uma imagem da página de um caderno de música do compositor.

Figura 11- Página de um caderno de música encontrado no Acervo de José Carlos Ligiero.



Fonte: Editora Essentia

Hoje, apesar da mudança de coordenação, o centro de memórias ainda aguarda a chegada do acervo do compositor para ficar em uma área que ainda não foi definida, a fim de que seja um acervo aberto a consulta e pesquisa dos alunos e professores da Licenciatura em Música.

b) Projeto Centro de Memória do campus Centro

O Projeto Centro de memória (Nilo Peçanha) do Campus Centro – o campus mais antigo do IFFluminense – divulga seus materiais através das redes sociais Facebook e Instagram.

A página do Facebook apresenta diversas imagens registradas em diferentes períodos da história do Instituto. Todas as imagens estão organizadas em álbuns que possuem nomes relacionados ao conteúdo apresentado.

Quadro 14- Relação de álbuns e quantidade de imagens existentes em cada um

Álbuns	Imagens
Banda de Fanfarra Norberto Ângelo da Silva	76
Fotos do perfil	01
Fotos da capa	01
Exposição do projeto Memória dos aprendizes artífices	16
Acervo da banda Fanfarra Norberto Ângelo da Silva	57
Eventos e atividades	15

Escola de aprendizes artífices	7
Jubileu de Diamante – Escola Técnica Federal, 1984	30
Esporte na instituição	246
Esporte na instituição	1.000
Peças	44
Patrimônio mobiliário	10

A página no Facebook mostra o registro de uma exposição, realizada em 2016 durante o evento “Saber fazer saber”, no espaço Raul Linhares, localizado em uma das salas do campus. Destaca a importância da memória institucional, sua preservação e divulgação dos registros.

Figura 12: Exposição do Projeto memória dos aprendizes Artífices



Fonte: Facebook

Entre os materiais apresentados na exposição estavam dois exemplares do primeiro e segundo volumes da série Memórias Fluminenses. Uma série que faz parte das edições da Editora Essentia do Instituto, e que hoje está na sua 9ª edição. A série trata sobre temas relevantes tais como memória do Instituto, cultura e história dos municípios de cada campus.

A publicação da Série Memórias Fluminenses, pela Essentia Editora, nasceu em 2014, estando relacionada com o Programa Centros de Memória. A partir do presente volume, a Série passa a contar com uma Equipe Editorial composta por servidores de diversos campi do Instituto Federal Fluminense. A equipe passa, assim, a atuar mais diretamente no trabalho de pesquisa e captação de obras consideradas relevantes para publicação, bem como em seu processo de editoração. O Conselho Editorial da Série Memórias Fluminenses conta, para sua ação, com o apoio dos Programas Centros de Memória, Núcleos de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas, Núcleos de Gênero e outros Programas Institucionais do IFFluminense (Monte, 2017, p. 5).

Segue abaixo a sequência das séries que foram publicadas:

- 1) História do 1º centenário de Campos. (v. 1);
- 2) Itinerário da freguesia do Senhor Bom Jesus do Itabapoana à gruta das minas do castello. (v. 2);
- 3) Estudos agrícolas. (v. 3);
- 4) História do descobrimento e povoação da cidade de São João da Barra e dos Campos dos Goytacazes, antiga capitania da Parahyba do sul e da causa e origem do levante denominado- dos fidalgos- acontecido no meado do século passado. Dívida em três partes. (v. 4);
- 5) Rumorejos do monte Himalaya. (v. 5);
- 6) Apontamentos para a história da capitania de S. Thomé. (v. 6);
- 7) O homem, o rio e a terra (o rio Muriaé e a freguesia da Laje: traços geográficos e históricos). (v. 7);
- 8) Os mais antigos documentos europeus sobre a capitania de São Thomé. (v. 8)
- Crimes célebres em Macahé: Chico do padre, Karukango, Motta -Coqueiro. (v. 9)

Desta forma, por ser uma série publicada pela editora (Essentia) da própria instituição, os projetos possuem exemplares dos volumes citados adquiridos por doação.

As imagens apresentadas a seguir mostram duas ações realizadas pelo projeto Centro de Memória do campus Centro para a preservação da memória: uma exposição retratando a trajetória do instituto e o logo criado pelo projeto. Tendo na logomarca a imagem de Nilo Peçanha idealizado da instituição.

A fim de difundir a memória institucional, o projeto do campus centro apresentou um mostruário com várias imagens do acervo fotográfico exposto ao público na exposição realizada pelo projeto.

Figura 13: Mostruário com imagens do instituto



Figura 14: Logo marca do Projeto Centro de Memória do Campus Centro



Fonte: Facebook

O projeto do campus Centro, além de ter o nome do idealizador dos Institutos Federais (Nilo Peçanha), apresenta sua imagem na logo marca. Reforçando assim a lembrança de sua importância para o Instituto.

c) Projeto Centro de Memória do campus Itaboraí

No período de julho a dezembro de 2022, o campus Itaboraí configurou seu primeiro projeto Centro de Memória, iniciando o trabalho com a seleção de imagens e exposição das mesmas pelo seu Instagram, única rede social criada pelo projeto.

As 13 publicações, em um total de 29 imagens, que ainda estão disponíveis para visualização, apresentam recordações como: obras no início da construção do campus, a visita de alunos da rede pública, a reunião para assinatura do documento de autorização do funcionamento do campus, auditório com suas cadeiras novas, primeiros servidores a trabalhar e se reunir no campus, e visitas técnicas.

Os registros fotográficos do dia em que foi assinada a portaria nº 645/2021, de autorização de funcionamento do campus Itaboraí, mostram o secretário da Educação Profissional e Tecnológica, Tomas Dias Sant'Ana, o reitor do IFFluminense Jefferson Manhães, o diretor do campus Vicente Oliveira e o ministro da Educação Milton Ribeiro.

Há também um único registro (vídeo) feito por um drone mostrando a extensão do campus e sua localização no bairro onde está situado.

A criação do Instagram foi um dos primeiros passos para disponibilizar um acervo de imagens à comunidade interna e externa, resgatando assim, por meio das fotos e vídeo, algumas memórias do campus.

No entanto, outras ações não foram realizadas pelo projeto. Limitando-se apenas a criação do Instagram.

3.3 Contribuições da biblioteca para o Programa Centro de Memórias

Percebe-se que dentre todas as bibliotecas do Instituto Federal Fluminense, apenas a biblioteca do campus Macaé trabalha efetivamente no desenvolvimento do acervo do projeto do Centro de Memórias do mesmo campus. É uma biblioteca que atua com bolsistas, bibliotecário e servidores técnicos administrativos em prol da preservação e disseminação da memória institucional.

Uma biblioteca, cujo coordenador é também bibliotecário e responsável pelo projeto, que possui um acervo com registros em diferentes suportes que tratam sobre a memória institucional. De acordo com Alves (2021):

o centro de Memória do campus Macaé do IFFluminense iniciou suas atividades em meados do ano de 2014, realizando atividades no espaço físico da Biblioteca do campus desde o estabelecimento dos trabalhos e, ao longo desse período, foi firmada parceria entre a Coordenação de Biblioteca e o Centro de Memória que segue até hoje, trazendo inúmeros benefícios, principalmente na organização, tratamento e disponibilização da informação do acervo captado. O projeto conta, atualmente, com uma sala própria, para organização e disponibilização do acervo captado até o momento, o que auxilia na institucionalização do trabalho e no acesso ao arquivo já tratado, que reúne variados suportes (Alves, 2021).

Desta forma, a prática biblioteconômica, em prol do tratamento dos registros de memória, faz parte das ações desta biblioteca entre tantas outras. Os materiais selecionados são disponibilizados virtualmente (fotos) e presencialmente (livros, revistas e fotos). Ao disponibilizar um espaço físico e virtual para o condicionamento dos registros, a biblioteca do campus Macaé contribui para que a memória institucional seja preservada. A biblioteca torna-se então referência de lugar de pesquisa. Um centro de tratamento e perpetuação do conhecimento. Único exemplo de biblioteca que possui técnicas biblioteconômicas desenvolvidas para a preservação da memória do instituto.

Tal iniciativa não é vista nas bibliotecas dos demais campi, sendo os demais projetos administrados somente por profissionais de outras áreas. Desta forma, estas bibliotecas não

são vistas pelos coordenadores e comunidade escolar, como lugares que podem contribuir para o melhor desenvolvimento dos projetos. Caindo assim no esquecimento a cada projeto aprovado no decorrer dos anos.

Por não existir uma obrigatoriedade da participação de bibliotecários nos projetos, a preservação e divulgação da memória fica prejudicada. Registros são perdidos e esquecidos com o passar do tempo.

Além disso, percebe-se que os projetos que não apresentaram constância em suas ações, não desenvolvendo com isso um acervo de memória permanente, deixam de atender às pesquisas e interesses relacionados a memória construída pela instituição.

Por exemplo, uma coleção de imagens de eventos formada por um campus em um determinado projeto, acaba por se perder quando não é doada para o próximo projeto selecionado por edital.

As imagens postadas nas redes sociais (Instagram e YouTube) do projeto desenvolvido pelo campus Macaé são exemplos de registros que permanecem disponíveis para consulta e acréscimos ao passar do tempo. Diferente de outras redes de projetos antigos que estão disponíveis para consulta, porém sem atualização de suas informações e fomento das pesquisas. Neste caso, a colaboração de bibliotecários possibilitaria um melhor desenvolvimento, condicionamento e preservação dos registros durante e após a conclusão do projeto.

Isto mostra que as demais bibliotecas do instituto, juntamente com seus bibliotecários, não possuem uma iniciativa de auxílio as tarefas realizadas pelos projetos. Logo, a necessidade de um profissional bibliotecário é importante para selecionar, preservar e tornar acessíveis os registros de memória por longa data.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Programa Centro de Memória, criado em 2012, contempla projetos que vigoram em período determinado por edital de seleção. Assim, a cada ano o projeto desenvolvido por um campus pode ser renovado ou substituído por outro com a mesma temática ou substituído por uma nova proposta de pesquisa.

Isso faz com que o acervo desenvolvido por cada projeto tenha um período limitado para acesso e pesquisa. Seja ele disponibilizado por meios virtuais ou físicos, sua existência está condicionada ao tempo determinado pelo edital de seleção.

Neste caso, as práticas biblioteconômicas necessárias para a preservação da memória institucional devem ser realizadas por bibliotecários comprometidos com a preservação e disseminação do conhecimento, independente da pesquisa realizada por cada projeto. Logo, os registros que não estiverem mais em uso (remota ou fisicamente) por seu projeto, poderão ser acondicionados nas bibliotecas. Por isso, a falta de profissionais da informação (há apenas um bibliotecário no Programa) pode causar a perda e esquecimento definitivo de registros úteis para a instituição. Além disso, o tratamento sem as devidas técnicas de seleção e preservação podem acarretar um acervo com baixa procura. Reforçando o esquecimento do material ao fim do projeto.

Assim, os bibliotecários devem atentar para o fato de que mesmo que um projeto seja extinto, o acervo deve, se possível, ser incorporado ao acervo da biblioteca para futuras pesquisas. Esta ação pode ser uma das pautas da Política de Desenvolvimento de Coleção, onde o documento garantisse a avaliação dos registros do projeto para inclusão ou não ao acervo. Afinal, a biblioteca é um espaço que, através das técnicas biblioteconômicas, pode contribuir de maneira relevante para a preservação da memória. Seja tratando os registros de memória ou divulgando-os para conhecimento.

Enfim, o Programa Centros de Memória possibilita que os projetos de memória dos diferentes campi sejam orientados a partir de formas variadas de trabalhar com seus registros de memória. Assim, cada coordenador de projeto tem autonomia para convidar profissionais de diferentes áreas para compor a equipe que irá desenvolver o projeto. Desta forma, cabe a cada coordenador considerar a importância da presença de um bibliotecário na equipe. Afinal, é fundamental que, a partir das práticas biblioteconômicas, os registros sejam selecionados, adquiridos, preservados e divulgados. Entretanto, por falta de longevidade e continuidade da maioria dos projetos, o Programa não atende aos quesitos de consolidação, desenvolvimento e permanência dos centros de memória, juntamente com as devidas políticas de coleções próprias para o seu desenvolvimento.

O problema em ter formas variadas de trabalho é não ter um padrão técnico para o tratamento dos registros considerando sua preservação e acesso à pesquisa. A falta de rigor e conhecimento, como seleção e condicionamento dos suportes informacionais, levam ao desgaste e restrição, impedindo assim o fluxo da memória institucional.

Uma possível solução pode ser a colaboração de bibliotecários em cada projeto. Isso pode ser feito por meio de convites e conscientização destes profissionais em relação a importância do seu trabalho para o melhor desempenho do projeto.

A criação de um Grupo de Trabalho (GT) composto por bibliotecários dos diferentes campi em prol da preservação da memória do instituto, criando documentos norteadores para o desenvolvimento e tratamento dos registros, também pode ser uma ação possível para que os coordenadores tenham o devido apoio técnico nos trabalhos.

Ações voltadas para a capacitação de bibliotecários, estagiários e bolsistas a fim de ter um grupo de pessoas que entendam sobre a preservação da memória institucional também representa uma solução para a conscientização da criação de um padrão único de tratamento dos acervos.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Regina. Memória social: itinerários poéticos- conceituais. *In: Por que memória social*. Rio de Janeiro: Híbrida, 2016.

ACCART, Jean-Philippe. **Serviço de referência**: do presencial ao virtual. Brasília: Brique de Lemos, 2012.

ALFARO LÓPEZ, Héctor Guillermo. El obstáculo epistemológico y la biblioteca, 2008. *In: Coloquio de Investigación Bibliotecológica y Sobre la Información*, 26., 2008, **Centro Universitario de Investigaciones Bibliotecológicas, UNAM, Ciudad de México (México)**, Jueves, 2 oct.. Disponível em: http://iibi.unam.mx/voutssasmt/documentos/xxvi_coloquio_cuib.pdf. Acesso em: 04 mar. 2022.

ALMEIDA, Vitória Gomes; DE LIMA, Izabel França. Bibliotecas, Cultura e Memória: possibilidades e desafios. **Folha de rosto em Biblioteconomia e Ciência da Informação**. v.2, n. 2, p. 56-64, jul./dez. 2016.

ALVES, Henrique Barreiros. A construção do Instituto Federal Fluminense campus Macaé e sua relação com a história macaense. **Cadernos de Extensão**. Instituto Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes v. 2, p. 81-109, 2016. Disponível em: https://essentiaeditora.iff.edu.br/index.php/cadernos_de_extensao/article/view/7641/5315. Acesso em: 16 abr. 2022.

ALVES, Henrique Barreiros; ALVES, Juliana Gomes da Rocha Barreiros. Da UNED Macaé ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense Campus Macaé. **Vértices**, Campos dos Goitacazes, v. 22, n. 3, set./dez. 2020. Disponível em: <https://essentiaeditora.iff.edu.br/index.php/vertices/article/view/15527>. Acesso em: 09 abr. 2022.

ANDRADE, Rosane Maria Nunes. Bibliotecas: lugar de memória e de preservação - o caso da biblioteca Nacional do Brasil. **Patrimônio e Memória**. UNESP – FCLAs – CEDAP, v.4, n.2, p. 17-34, jun. 2009.

ANGLADA, Luis. Podemos hablar de crisis desde las bibliotecas? **Anuario ThinkEPI**, v. 6, p. 68-72, 2012. Disponível em: <http://www.thinkepi.net/%C2%BFpodemos-ha-blar-de-crisis-desde-las-bibliotecas> Acesso: 12 dez. 2022.

ARAÚJO JÚNIOR, Rogério Henrique de. **Precisão no processo de busca e recuperação da informação**. Brasília Thesaurus, 2007.

ARAUJO, Fernanda da Costa moreno. A relação conceitual entre arquivos e centros de memória. **ÁGORA**, ISSN 0103-3557, Florianópolis, v. 25, n. 50, p. 5-18, jan./jun. 2015.

ARÉVALO, Julio Alonso. La biblioteca em proceso de cambio. **BID: textos universitários de biblioteconomia documentación**, n. 36, jun. 2016. Disponível em: <http://bid.ub.edu/es/36/arevalo.htm>. Acesso: 12 dez. 2022.

ASSMANN, Aleida . Terceira parte: armazenadores. *In: _____*. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Campinas, SP: Unicamp, 2011. p. 367 – 432

BARATIN, Marc; CHRISTIAN, Jacob. **O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

BARBANTI, Hilsdorf Barbanti; LIMA, Vânia Mara Alves. O tratamento da informação em centros de memória: arquivos, bibliotecas e museus. *In: Cadernos do V Seminário de Pesquisas em Ciências da Informação*. São Paulo: PPGCI. ECA/USP, 2015. Disponível em: <http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/form/biblioteca/acervo/textos/2710218.pdf>. Acesso em: 13 set. 2020.

BARBANTI, Cristina Hilsdorf. **Representação e recuperação da informação em Centro de Memórias**. São Paulo, 2015.

BARBIER, Frédéric. Como a escrita apareceu e evoluiu? *In: _____*. **História do livro**. São Paulo: Paulistana, 2008, p. 27-33.

BARROS, Dirlene Santos; AMÉLIA, Dulce. **Arquivo e memória: uma relação indissociável**. TransInformação. Campinas, 2009. Disponível em: <http://periodicos.puccampinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/view/518/498>. Acesso em: 28 jan. 2015.

BASTOS, Rossano Lopes. Registro arqueológico como instrumento de memória social. **Arqueologia Pública**, n. 4, Campinas, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**, 2005.

BENJAMIN, Walter. Escavando e recordando. *In: _____*. **Rua de mão única**. Trad. Rubens R. T. Filho e José Carlos M. Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 239- 240. (Obras Escolhidas, v.2).

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. *In: _____*. **Magia e técnica, arte e política**. Trad. Sergio Paulo Rouanet. Prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 114-119. (Obras Escolhidas, v.1).

BENJAMIN, W. Desempacotando minha biblioteca: um discurso sobre o colecionador. *In: _____*. **Magia e técnica, arte e política**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 215-225. (Obras Escolhidas, v.1).

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Legislação sobre livro e leitura**. 2. ed. Brasília: Câmara dos deputados, 2013. Disponível em: <https://bd.camara.leg.br/bd/handle/bdcamara/14536%3E>. Acesso em julho de 2022.

BRASIL. **Decreto nº 7.566, de 23 de setembro de 1909**. Cria nas capitais dos Estados da República Escolas de Aprendizes Artífices, para o ensino profissional primário gratuito. Disponível em: <http://www.ufpr.edu.br/a-instituição/documentos-institucionais>. Acesso: 26 jun. 2022.

BRAZ, Márcia Ivo; Holanda, Cíntia Maria Silva de; Ferre, Marilucy da Silva. O documento e os lugares de memória: protagonistas na perpetuação da memória social. *In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação*, 8. 2012.

BURKE, Peter. Problemas causados por Gutenberg: a explosão da informação nos primórdios da Europa moderna. *Estudos avançados*, São Paulo, v. 16, n. 44, p. 173-185, jan./abr. 2002.

CAMARGO, Ana Maria; GOULART, Silvana. **Centros de memória: uma proposta de definição**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2015.

CAMPOS, Silvana Pereira de. **Para além da educação: a contribuição do Instituto Federal Fluminense no desenvolvimento do município de Bom Jesus do Itabapoana- RJ**. Orientador: Rosélia Piquet. Perissé da Silva. 2016. Dissertação (Mestrado em Planejamento Regional e Gestão de Cidades) - Universidade Candido Mendes, Campos dos Goytacazes, 2016.

CARVALHO, Marcelo Augusto Monteiro de. **Nilo Peçanha e o sistema federal de Escolas de Aprendizizes Artífices (1909- 1930)**. São Paulo, 2017. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8137/tde-19092017-143941/publico/2017_MarceloAugustoMonteiroCarvalho_VOrig.pdf. Acesso em: 31 jul. 2022.

CARVALHO, Marcelo Augusto Monteiro de. Nilo Peçanha e a criação das Escolas de Aprendizizes Artífices no contexto da primeira república (EAAs): 2010-2014. *In: Conferência Internacional Econômica*, 7. Disponível em: http://www.abphe.org.br/uploads/Encontro_2018/DE%20CARVALHO.%20NILO%20PE%20C3%87ANHA%20E%20A%20CRIA%20C3%87%20C3%83O%20DAS%20ESCOLAS%20DE%20APRENDIZES%20ART%20C3%8DFICES%20NO%20CONTEXTO%20DA%20PRIMEIRA%20REP%20C3%9ABLICA.pdf. Acesso em: 05 mar. 2022

CASTRO, Aloisio Arnaldo Nunes de. **A trajetória histórica da conservação restauração de acervos em papel no Brasil**. 2008. Dissertação (Mestrado em História). UFJF,. Disponível em: http://www.ufjf.br/ppghistoria/files/2009/12/Aloisio_A_N_de_Castro1.pdf. Acesso em: 31 jul. 2022.

CASTRO, César Augusto. Biblioteca como lugar de memória e eco de conhecimento: um olhar sobre “O nome da Rosa”. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 4, p. 01-20, 2006. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/2026>. Acesso em: 10 dez. 2021.

CASTRO, Renata Brião. O que são centros de documentação? O caso do Centro de Documentação do Centro de Estudos e Investigações em História da Educação. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 18, n. 37, p. 263-282, maio/ago. 2017. Disponível em: www.revistas.udesc.br. Acesso em: 13 set. 2020.

TARDY, Cécile; DODEBEI, Vera (Ed.). **Memória e novos patrimônios**. OpenEdition Press, 2015.

CENTRO de memória: núcleo central. **Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense**. 2013 Disponível em: <https://portal1.iff.edu.br/extensao-ecultura>

programas/centros-de-memoria/documentos-de-referencia/centro-dememoria-nucleo-central.pdf/view. Acesso em: 01 jan. 2020.

CENTROS de memória: manual básico para implantação. São Paulo: Itaú Cultural, 2013. 80 p.

CHAGAS, Mário. Cultura, Patrimônio e Memória. **Ciências e Letras**: Revista da Faculdade Porto-Alegrense de Educação. RS, Porto Alegre, n. 31, p.15-29, 2002.

CONCEIÇÃO, Valdirene Pereira da; MORAES, Costa José Maurício. In: **Biblioteconomia e os ambientes de informação**. Ponta grossa, 2019. Disponível em: <https://www.atenaeditora.com.br/wp-content/uploads/2019/05/e-book-Biblioteconomia-e-os-Ambientes-de-Informacao.pdf>. Acesso em: 15 maio 2022.

COSTA, Icléia Thiesen Magalhães. **Memória Institucional**: a construção conceitual numa abordagem teórica metodológica. Tese. UFRJ Rio de Janeiro, 1997.

CPDOC 30 anos. CANARGO, Célia - Rio de Janeiro: Editora FGV: CPDOC, 2003.

CRIVELLI, Renato; BIZELLO, Maria Leandra. **Patrimônio, documentos e informação**. Ibersid. 6 (2012).

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008.

DAVALLON, Jean. Memória e patrimônio: por uma abordagem dos regimes de patrimonialização. DODEBEI, Vera (Org.). **Memória e novos patrimônios**, v. 1, p. 47-66, 2015.

DEUS NETO, João de Deus. **Memória Institucional**: ferramenta estratégica da comunicação organizacional.

DODEBEI, Vera. Cultura Digital: novo sentido e significado de documento para a memória social? **Revista de Ciência da Informação**, v. 12, n. 2, abr. 2011. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/7335>. Acesso em: 10 jan. 2022.

DODEBEI, Vera. **Memoração e patrimonialização em três tempos**: mito, razão e interação digital. In: TARDY, C.; DODEBEI, V. (Orgs.). **Memória e novos patrimônios**. Marseille, França: Openedition Press, 2015. p. 21-45. Disponível em: <http://books.openedition.org/oep/417>. Acesso em: 18 dez. 2021.

DODEBEI, Vera; ABREU, Regina. **E o patrimônio?** Rio de Janeiro: Contra Capa/ Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2008.

ESCOLAR, Hipólito Sobrinho. **História de las bibliotecas**. 3. ed. Salamanca: Madrid; Fundación Germán Sánchez Ruipérez; Madrid: Pirámide, 1990. (Biblioteca del Livro, C).

FASSINE, Ana Paula. **Certificação de saberes da docência na Educação Profissional: construção e validação de projeto piloto em Santa Catarina**. Dissertação (Pós-graduação Stricto Sensu - Mestrado) - Instituto Federal de Santa Catarina.

FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henry-Jean. **O aparecimento do livro**. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista; Hucitec, 1992, p. 117-163.

FERNANDES, L.C. **Novas Tecnologias da Informação e Comunicação e a História da Educação**: um estudo de caso sobre história e memória de instituições escolares. 2011. Dissertação. (Mestrado em Educação), Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados-MS.

FLA. **Acess and opportunity for all. How libraries contribute to the United Nations 2030 Agenda**. Haia: IFLA, 2016.

FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia da pesquisa**: um guia para iniciantes. Porto Alegre: Penso, 2013.

FONSECA, Edson Nery. **Introdução à Biblioteconomia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2007.

FONTANELLI, Silvana Aparecida. **Centro de Memória e Ciência da informação**: uma interação necessária. 2005. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Biblioteconomia) Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2005. Disponível em: <https://docplayer.com.br/3137581-Centro-de-memoria-e-ciencia-dainformacao.html>. Acesso em: 12 set. 2020.

FRANÇA, Junia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. **Manual para normalização de publicações técnico-científicas**. 9. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREITAS, Bruna Castanheira de; VALENTE, Mariana Giorgette. **Memórias digitais**: o estado da digitalização de acervos no Brasil. Rio de Janeiro: FGV, 2017.

GALLO-LÉON, José Paulo. Los cuatro espacios: um modelo para la organización física de la biblioteca. **Anuario ThinkEPI**, v. 12, p. 104-112, 2018. Disponível em: <https://www.bibliopos.es/cuatro-espacios-organizacion-fisica-de-la-biblioteca/>. Acesso em: jul. 2021.

GARCIA GUTIÉRREZ, Antônio. **Outra memória é possível**: estratégias descolonizadoras do arquivo mundial. Petrópolis: Vozes, 2008.

GASTAL, Camila Azevedo; PILATI, Ronaldo. Escala de Necessidade de Pertencimento Adaptação e Evidências de Validade. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 21, n. 2, p. 285-292, mai./ago. 2016.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

GOMES, Clausi Maria do Porto; VENÂNCIO, Renato Pinto. **Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**. 7. As instituições memoriais como unidades de informação: um estudo dos centros de memória da UFMG.

GOMES, Henriette. A biblioteca pública e os domínios da memória, da mediação e da identidade social. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.19, número especial, p.151-163, out./dez. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/t4k6pt7pb4gTPXt5yWDszqD/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: jul. 2021.

GONDAR, Jô. Cinco proposições sobre memória social. In: DODEBEI, Vera; FARIAS, Francisco R. de; GONDAR, Jô. Por que memória social? Rio de Janeiro: Híbrida, 2016, p. 19-40. **Revista Morpheus**: estudos interdisciplinares em Memória Social: edição especial, v. 9, n.15, 2015).

GONDAR, Jô; DE BARRENECHEA, Miguel Angel. **Memória e espaço**: trilhas do contemporâneo. 2003.

GROGAN, Denis. **A prática do serviço de referência**. Brasília: Briquet de Lemos, 2001.

GUTIERREZ, Ana Lérica Pacheco; BORGES, Maria de Lourdes. **Estudo sobre as relações entre memória institucional e patrimônio documental em uma Universidade Pública Federal**. 2018.

HALBWACHS, Michael. **A memória coletiva** (LT Benoir, trad.). São Paulo: Centauro. Publicação original póstuma de, 1950.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**. jul/dez. 1997.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HODGE, Patrícia; COSTA, Alessandra. Do particular para o geral: memória, história oral e estudos organizacionais. **Revista Eletrônica de Ciência Administrativa**. v. 19 n. 3 p.303-336 Set/Dez 2020 Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/344060434_Do_particular_para_o_geral_memoria_historia_oral_e_estudos_organizacionais. Acesso em: 05 de jul de 2022.

HUYSEN, Andreas. **Passados presentes**: mídia, política, amnésia. In: _____. Seduzidos pela memória. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000. p. 9 – 40.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO DE JANEIRO-IFRJ. **Um novo modelo em educação profissional e tecnológica**: Concepção e diretrizes. 2010. Disponível em: https://cba.ifmt.edu.br/media/filer_public/f8/c7/f8c74f76-c26b-48d6-9bf5-53025dfb2b5a/concepcoes_e_diretrizes_dos_institutos_2010.pdf. Acesso em: 09 jan 2023.

INSTITUTO FEDERAL FLUMINENSE – IFF. **Plano de desenvolvimento institucional:** IFFluminense 2018-2022. Disponível em: [https://portal1.iff.edu.br/desenvolvimento-institucional/arquivos/pdi-2018-2022-comresolucao menor.pdf](https://portal1.iff.edu.br/desenvolvimento-institucional/arquivos/pdi-2018-2022-comresolucao%20menor.pdf). Acesso em: 01 jul. 2021.

INSTITUTO FEDERAL FLUMINENSE – IFF. **Projeto Político Pedagógico.** 2021 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense.

INSTITUTO FEDERAL FLUMINENSE – IFF. **Tempo, memória e transformação:** 110 anos de criação da Escola de Aprendizes Artífices em Campos. Campos dos Goytacazes: Instituto Federal Fluminense, 2020.

INSTITUTO FEDERAL FLUMINENSE. **Edital N° 17 - Reitoria, de 18 de fevereiro de 2022.** Processo de seleção de projetos de diversidade NEABI, NUGEDIS e Centros de Memória), e seleção de estudantes bolsistas e voluntários.

INTERNATIONAL Federation of Library Associations (IFLA). **Access and opportunity for all.** How libraries contribute to the United Nations 2030 Agenda. Haia: IFLA, 2016.

JACOB, Christian. **Prefácio.** In: BARATIN, Marc; JACOB, Christian (Orgs.). O poder das bibliotecas: a memória dos livros no ocidente. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000, p. 9-17.

JAPIASSU, Rodrigo Costa; FONSECA, Vitor Manoel Marques da. **As relações entre arquivo e memória para a constituição dos centros de memória no campo informacional.** XVII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XVII ENANCIB, JORGE. Como preservar a memória. 2004.

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação.** Brasília: Briquet de Lemos 1996.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Campinas: Editora Unicamp, 2013.

LIMA, França de; OLIVEIRA, Ana Lúcia Tavares de; MOURA, Rafaela Karoline Gaudêncio de. **Memória institucional na Ciência da informação: análise das produções científicas apresentadas no GT de informação e memória do encontro nacional de pesquisa em ciência da informação.** Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação 8. – ENANCIB 2017.

LINDEMANN, Catia. Por uma biblioteconomia mais social: interfaces e perspectivas In: Seminário Interdisciplinar em Museologia – SIM (1.: 2014: Blumenau). Blumenau: Museu Hering: Fundação Hermann Hering, 2014.. **Revista ACB:** Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, SC: v. 21, n. 22, p. 707-723, ago./nov., 2016.

LOPES, Gustavo Gomes; SOFFIATI, Gustavo Landim; HESPAHOL, Láine Ignácio. **Centro de memórias do Campus Campos Guarus do IFF:** conquistas e perspectivas do projeto. 3 encontro de extensão Instituto Federal Fluminense. nov. 2015. Disponível em: https://essentiaeditora.iff.edu.br/index.php/encontro_de_extensao/article/view/6788. Acesso em: 22 abr. 2022.

LOPES, Marcelo Wilton Vieira Lopes. Educação Profissional entre os anos 30 e 90: uma história de subordinação aos processos produtivos no contexto brasileiro. **Research, Society**

and Development, Itajubá, v. 8, n. 10, 2019. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5606/560662201029/html/>. Acesso em: 15 jan. 2022.

LOUREIRO, Monica de Fatima; JANNUZZI, Paulo de Martino. **Profissional da informação: um conceito em construção**. Transinformação, Campinas, maio 2005.

MARIA, Fábio Genésio dos Santos. **O presidente negro?** Uma discussão ra-cial e política a partir da construção da imagem de Nilo Peçanha em o malho (1909 – 1910). Disponível em: https://secure.unisagrado.edu.br/static/biblioteca/mimesis/mimesis_v40_n1_2019/mimesis_v40_n1_2019_art_06.pdf. Acesso em: 31 jul 2022.

MARSHALL, Francisco. Memória, dicção e escrita grega no império Romano. In: BARACAT Jr, J. C. **A Escrita grega no Império Romano**: recepção e transmissão. Porto Alegre: editora da UFRGS, 2020. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/216906>. Acesso em: 25 fev. 2022.

MARTINS, Ernane Rosa. **Produção, comunicação e representação do conhecimento e da informação 2**. Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

MELO, Kelly Castelo Branco da Silva. **Bibliófilos e bibliodetetives: personagens de patrimônio e memória Memória e Patrimônio**: ensaio contemporâneo. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A história, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. **REV. Inst. Est. Bras.** SP 1992.

MERLO, Franciele; KONRAD, Glaucia Vieira Ramos. Documento, história e memória: a importância da preservação do patrimônio documental para o acesso à informação. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 20, n. 1, p. 26 - 42, jan./abr. 2015.

MOLINA, Letícia Gorri; Valentim, Marta Lígia Pomim. Memória organizacional, memória corporativa e memória institucional: discussões conceituais e terminológicas. **Revista EDICIC**, v.1, n.1, p.262-276, fev./mar. 2011.

MONTE CEDRO, João José Carneiro da Silva. **Barão de, 1839-1882**. Estudos agrícolas. Campos dos Goytacazes: Essentia, 2017. Memórias Fluminense. Disponível em: https://arquivosbrasil.blob.core.windows.net/insulas/anexos/estudos-agricolas_miolo_site.pdf. Acesso em: 22 abr. 2022.

MOREIRA, Raimundo Nonato Pereira. **História e memória: algumas observações**. 2005. Disponível em: <http://pablo.deassis.net.br/wpcontent/uploads/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2022.

MOREIRA, Walter. Revisão de literatura e desenvolvimento científico: conceitos e estratégias para confecção. **Janus**, v. 1, n. 1, p. 19-30, jul./dez. 2004. Disponível em: <http://unifatea.com.br/seer3/index.php/Janus/article/view/102>. Acesso em: 04 mar. 2022.

MUELLER, Susana. **Bibliotecas e sociedade: evolução da interpretação de função e papéis da biblioteca.** Revista da Escola de Biblioteconomia, Universidade de Brasília, v.13, n.1., p. 7 – 54

MUSEU DE ASTRONOMIA E CIÊNCIAS AFINS – MAST. **Museu e Museologia: Interfaces e Perspectivas/Museu de Astronomia e Ciências Afins.** Organização de: Marcus Granato, Claudia Penha dos Santos e Maria Lucia de N. M. Loureiro. Rio de Janeiro: MAST, 2009.

NISHIKAWA, Carina Yukari. **Centro Universitário de Brasília-UniCEUB.** Cooperação Internacional na área do Direito Internacional: uma análise da cooperação existente na União Européia BRASÍLIA - DF, 2008 Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/235/9573/1/20417229.pdf>. Acesso em 04 mar. 2022.

NOGUEIRA, Fernanda Parolo de Mattos; GRACIOSO, Luciana de Souza. **A biblioteca Universitária e os “lugares de memória” institucionais.** 29 Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação. 2022 Disponível em: <https://portal.febab.org.br/cbbd2022>. Acesso em 04 mar. 2022.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. Projeto História. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História.** São Paulo, v.10, dez. 1993. p. 07-28. Disponível em : <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/arti cle/view/12101/>. Acesso em: 04 mar. 2022.

OLICK, J. K. **From collective memory to the sociology of mnemonic practices and products.** In: A. Erll, A. Nünning, & S. B. Young (Orgs.), Cultural memory studies: an international and interdisciplinary handbook (p. 151-162). New York: Walter de Gruyter, 2008b.

OLIVEIRA, Esther Justo de; RODRIGUES, Rodrigo Rosselini Julio. **Subsídios para a elaboração de um inventário participativo do Centro de Memória Nilo Peçanha-IFF Campus Campos Centro.** 13 Mostra de extensão UENF, UFF, IFF e V UFRRJ. 2021.

ORTEGA Y GASSET. **Missão do bibliotecário.** Brasília: Briquet de Lemos, 2006.

PELLIN, Valdinho. **Objetivos do desenvolvimento sustentável (ODS) e desenvolvimento.** Universidade do Extremo Sul Catarinense. 2017. Disponível em: <https://www.unesc.net/portal/blog/ver/571/40489>. Acesso em: 09 jan 2023.

PEREIRA, Fernada Cheiran. **Arquivos, Memória e Justiça: Gestão documental e preservação de acervos judiciais no Rio Grande do Sul.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Trabalho de Conclusão de Curso.

PINHEIRO, Ana Virgínia. História, Memória e Patrimônio: convergências para o futuro dos acervos especiais. In: **acervos especiais: memórias e diálogos.** São Paulo: Cultura Academica, 2015. Disponível em: <https://www.fclar.unesp.br/Home/Instituicao/Administracao/DivisaoTecnicaAcademica/ApoioaoEnsino/LaboratorioEditorial/colecao-memoria-da-fcl-n9.pdf> Acesso em: 15 maio 2022.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, out. 1992.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento e silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15.1989.

QUISPE-FARFÁN, Gabriela A. Bibliotecas públicas: contexto, tendencias y modelos. **E-Ciencias de la Información**, v.10, n.2, jul.-dez. 2020. Disponível em: https://revistas.ucr.ac.cr/index.php/eciencias/art_icle/view/39695. Acesso em: 15 maio 2022.

RANGANATHAN, Shiyali Ramamrita. **As cinco leis da Biblioteconomia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2009.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; BARBOSA, Marialva. **Memória, relatos autobiográficos e identidade institucional**. II Colóquio Brasil-Estados Unidos de Ciências da Comunicação, realizado no Rio de Janeiro, em setembro de 2005.

RIBEIRO, Josino de Carvalho; LIMA, Izabel França de. **Memória institucional e preservação da informação**: a preservação digital da Revista do Fisco. Biblios.

RIBEIRO, Leila Beatriz; MACIEL, Fabio Osmar de Oliveira; COSTA, Silvia Ramos Gomes da. **Coleção e memória**: a trajetória dos objetos a partir da análise fílmica. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 33., 2010, Caxias do Sul. Disponível em: http://www.memoriasocial.pro.br/linhas/professores_dados.php?id=19. Acesso em: 15 maio 2022.

RIBEIRO, Renato Janine. **Memórias de si, ou**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, vol. 11, n. 21, 1998. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2068/1207>. Acesso em: 15 maio 2022.

RICOUER, Paul. **Da memória e da reminiscência**. In: _____. Memória, História e esquecimento. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007. P. 25-70

RODRIGUES, Marcia Carvalho. **Patrimônio documental nacional: conceitos e definições**. RDBCI, v. 14, n. 1, p.110-125, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8641846>. Acesso em: jun. 2023.

RODRIGUES, Marcia. **Memória, patrimônio, bibliotecas nacionais e a construção da identidade coletiva**. Em Questão, Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 243-262, mai/dez. 2015.

RODRIGUES, Reginaldo Ferreira. **Escrita e memória no Fedro de Platão**. Griot. Revista de Filosofia v.11, n.1, jun.2015.

SALA, Fabiana. Agenda 2030 da ONU e desenvolvimento sustentável: qual o papel das bibliotecas? **Revista ABC Biblioteconomia em Santa Catarina Florianópolis**, v. 25, n. 2, p. 325-339, abr./jul., 2020. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/143489> . Acesso: 01 set. 2021.

SALCEDO, Diego; LIMA, Igor Pires. O papel do bibliotecário na prática de preservação da memória institucional: o caso do espaço memória da justiça federal em Pernambuco. **ÁGORA**, Florianópolis, v. 28, n. 57, p. 314-331, jul./dez. 2018.

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval; MAHFOUD, Miguel. **Halbwachs: memória coletiva e experiência**. Psicologia USP São Paulo, 4 Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51771993000100013. Acesso: jan. de 2021.

SILVA, Maria de Fátima Barbosa da. **A construção de uma memória identitária através do currículo**. Anais do XIV Encontro Regional de História da ANPUH-Rio: memória e patrimônio. 2010.

SILVA, Vania Ferreira da. **Informação e Memória na Literatura de Cordel: produção e fluxo**. Dissertação. 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/10474/1/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20VANI%20FERREIRA%20DA%20SILVA.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2023.

SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da. **Biblioteca pública memória e discursos identitários: uma leitura sócio-histórica dos depoimentos colhidos pelo projeto memória oral da Biblioteca Mario de Andrade (BMA)**. 8.; Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XIII ENANCIB 2012.

SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da. **Biblioteca como lugar de práticas culturais: uma discussão a partir dos currículos de Biblioteconomia do Brasil**. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ECID-79CMVL/1/mestrado___fabr_cio_jos__nascimento_da_silveira.pdf. Acesso em: 23 fev. 2022.

SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da. **Biblioteca, memória e identidade social**. Perspectivas em Ciência da Informação, v.15, n.3, p.67-86, set./dez 2010.

SOUSA, Maria do Socorro Neri de. **Memória Institucional em Bibliotecas Universitárias Federais**. Brasília 2018.

SOUZA, Catiele Alves de; MORIGI, Valdir Jose. **Memória e Instituição**. Logeion: Filosofia da informação, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 228-243, set. 2020/fev. 2021.

SPILLER; Arnaldo; PONTES, Cecília Carmem Cunha. **Memória organizacional e reutilização do conhecimento técnico em uma empresa do setor eletroeletrônico no Brasil**. RBGN, São Paulo, v.9, n.25, p.96-108, set./dez. 2007. Disponível em: <http://rbgn.fecap.br/RBGN/article/viewFile/149/95>>. Acesso em: 02 fev. 2020

TANUS, Gabrielle Francinne. **A constituição da Biblioteconomia científica: um olhar histórico**. Revista digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação. Campinas, SP v.14 n.2 maio/ago. 2016.

TATAGIBA, Adler dos Santos. **O acervo de José Carlos Ligiero**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.

TESSITORE, Viviane. **Como implantar centro de documentação**. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial, 2003.

THIESEN, Icleia. **Memória institucional**. João Pessoa: Editora UFPB, 2013. 312 p.

VALLS, Valéria Martin; RUEDA, Valéria Matias da Silva; FREITAS, Aline de. **Centro de memória digital: estabelecimento de critérios para a sua implantação**. Enacib.

VAN DIJCK, José. **Mediated memories in the digital age**. California: Stanford University Press, 2007.

VILHENA, Claudia Maria Alves. ; DIAS, Célia da Consolação. **Arquivo, biblioteca e museu como espaços de cultura e preservação: uma experiência docente**. Inf. & Soc.:Est., João Pessoa, v. 29, n. 3, p. 81-94, jul./set. 2019.

WEITZEL, Simone da Rocha. **Elaboração de uma política de desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias**. Rio de Janeiro: Interciência, 2013.

WORCMAN, Karen. **Museu da pessoa: memória do futuro: um desafio**. In: NASSAR, Paulo (Org.). **Memória de empresa: história e comunicação de mãos dadas, a construir o futuro das organizações**. São Paulo: Aberje, 2004.

YAMASHITA, Marina Mayumi; et al. A memória e o tempo: a necessidade de uma política de preservação no Instituto de Química da USP. 3º INTEGRAR -Congresso Internacional de Arquivos, Bibliotecas, Centros de Documentação e Museus “Preservar para as futuras gerações”. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**. São Paulo, v. 12, n. especial, p. 75-80, jul./dez. 2016.

YAMASHITA, Marina Mayumi; Watanabe, Edna Tiemi Yokoti; Paletta, Fátima Aparecida Colombo. **A memória e o tempo: a necessidade de uma política de preservação no Instituto de Química da USP**. 3º INTEGRAR - Congresso Internacional de Arquivos, Bibliotecas, Centros de Documentação e Museus.

YATES, Francis, A. **A arte da memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ZILBERMAN, Regina. **Memória entre oralidade e escrita** *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 117-132, set. 2006.